

Ilustração



VOGA

A UNICA
GRANDE
REVISTA
FEMINI-
NA POR-
TUGUESA

..

MODAS

..

BOR-
DADOS

..

CON-
FE-
CÇÕES

..

LITERA-
TURA
FEMINI-
NA

..

CONTOS
PARA
CRIAN-
ÇAS

..

CONCUR-
SOS

GRAFO-
LOGIA

ROMAN-
CES

..

ELEGAN-
CIA



MODE-
LOS EX-
CLUSIVOS
DE PARIS
RECEBI-
DOS SE-
MANAL-
MENTE

..

A UNICA
GRANDE
REVISTA
DE ARTE
PARA AS
SENHO-
RAS
PORTU-
GUESAS

..

PAGINAS
CENTRAIS
MA-
RAVI-
LHOSAS

..

FOLHAS
DE BOR-
DADOS E
MOLDES
EM TA-
MANHO
NATU-
RAL

..

CINEMA

..

TEATROS

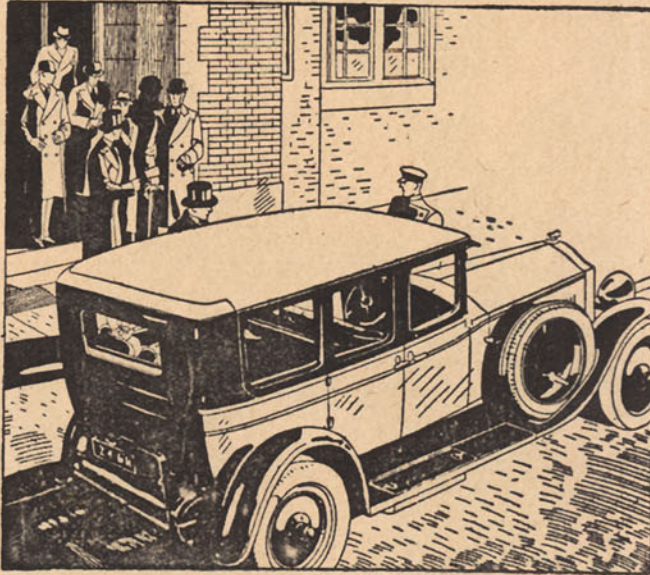
..

BELEZA

CUSTA 15 TOSTÕES

Convencidos de que é o que mais se adapta á sua vida activa

O Buick é o carro que melhor serve as exigencias de uma vida activa



Preferem o Buick as principais figuras do commercio e das profissoes liberais

AQUELES individuos que pela posição que ocupam ou a carreira que teem, são forçados a aproveitar todos os minutos do seu tempo, pertencem á classe mais elevada em numero entre os proprietarios do Buick.

Adquirem êste carro com a convicção segura e justificada de que nao ha outro que de igual modo corresponda a todas as suas exigencias, quer profissionais, quer de distinção e de elegancia.

A segurança que oferece a sólida construção do motor, e os largos ânos de perfeito funcionamento com que o prova, são mais motivos ainda para que êste carro seja preferido por êles, e para que tenha alcançado e mantido a alta fama de que disfruta.

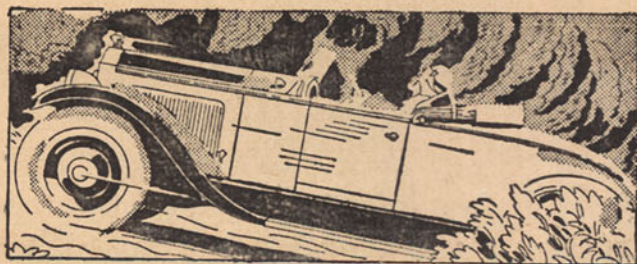
Suas linhas de baixa suspensão e continuidade parecem tornar bem visível a força e suavidade do seu motor, que facilmente alcança uma velocidade de mais de 100 kilometros

á hora, com resistencia bastante para manter essa velocidade. A combinação harmonica das côres das suas carroseries completa a beleza dêste carro, que há tanto tempo está á testa dos que são da sua categoria.

O concessionário do Buick que lhe fique mais próximo far-lhe-há, a seu pedido, uma demonstração convincente do que é êste grande carro.



GENERAL MOTORS PENINSULAR S. A. - MADRID



Velocidade e resistencia eis o Buick

CONCESSIONARIOS

Diniz M. d'Almeida

Avenida da Liberdade, 214 a 218

LISBOA

Cunhas & Almeida, Ltda.

Avenida dos Aliados, 75

PORTO

**TODAS
AS
GRAVURAS**

DA ILUSTRAÇÃO

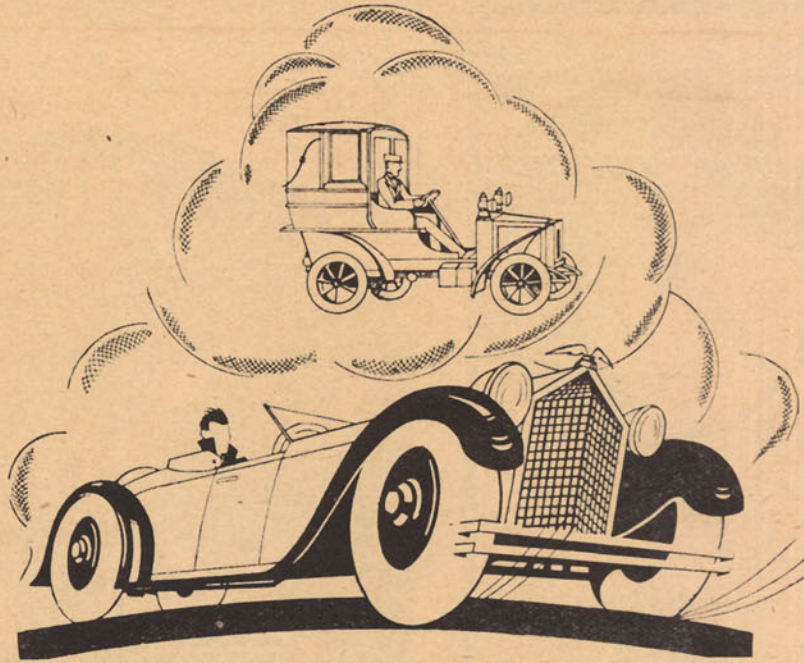
**SÃO
FEITAS**

**NA
CASA**

**BERTRAND IRMÃOS
L^{DA}**

TEL. T.96

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA



**A EPOCA ACTUAL
EXIGE PROGRESSO**

**OS MOTORES MODERNOS NECESSI-
TAM DE COMBUSTIVEIS PERFEITOS E
UMA LUBRIFICAÇÃO IMPECAVEL.**

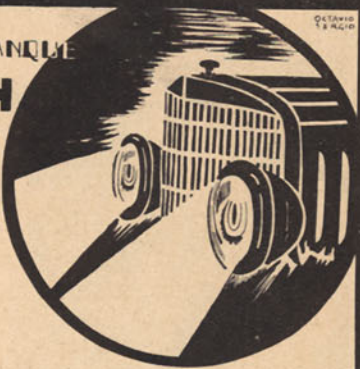
**A GAZOLINA SHELL
E OS OLEOS SHELL**

**SATISFAZEM INTEIRAMENTE ÀS EXI-
GENCIAS DA MECANICA MODERNA
EM CONSTANTE APERFEIÇOAMENTO.**

**THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.º^{TD}
RUA DO CRUCIFIXO, 49 - LISBOA**

LUZ E ARRANQUE
BOSCH

Os elementos que constituem o Equipamento da Luz são construídos com rigorosos cuidados, garantindo um funcionamento isento de cuidados.



REPRESENTANTE:

Escritório Técnico Roberto Cudell
PORTO — Passos Manoel, 41

*Para que
nas longas noites de inverno
as horas passem a correr
basta lêr o*



MAGAZINE
BERTRAND



O mais belo repositório de conhecimentos científicos, a mais empolgante série de aventuras maravilhosas é a obra do genial romancista

JULIO VERNE

primorosamente ilustrada em edições populares ao alcance de todos

SÃO LIVROS QUE TODOS DEVEM LÊR

PEDIDOS AS LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, CHIADO, 75 — LISBOA



S. A. P.

Serviços Aéreos Portuguezes, Ltd.

AVENIDA DA LIBERDADE, 3

Serviço aéreo entre LISBOA-MADRID
com aviões JUNKER'S completamente metálicos

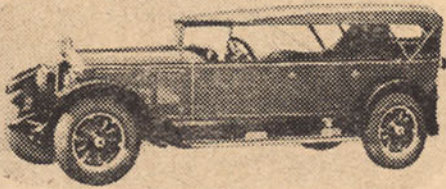
Para Madrid: { 3.ª feira }
 { 4.ª feira } 10,30 horas
 { Sábado }

Avião: 4 horas

Combóio: 17 horas

Para informações dirigir-se a todas as agencias de vapores e de turismo bem como à sede da Companhia

Com a harmonia de novas cores, lindos e elegantes interiores, e um motor que se distingue por um novo grau de aceleração, uma força inexgotável e obdiente, os



WILLYS-KNIGHT
E
FALCON-KNIGHT

são a resposta antecipada a todos os progressos de 1928



DISTRIBUIDORES GERAIS

H. QUEIROZ, L.^{DA} 62, Rua Braancamp, 70
ENGENHEIROS LISBOA

Grup-fix A
COLA
IDEAL

ACEIO—ECONOMIA—RAPIDEZ
Não se entorna, colando imediatamente após a sua aplicação Preço 12\$00

Únicos representantes para Portugal e Colónias

AILLAUD, LIMITADA
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

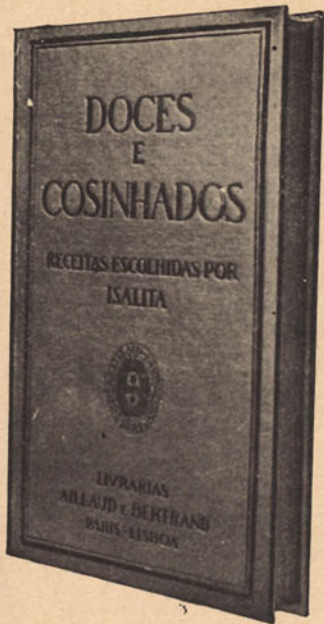


DOCES
E
CÔSINHADOS
RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas

Esc. 25\$00

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA





Tamanho real do volume

DICCIONARIO ENCICLOPÉDICO
LUSO-BRASILEIRO

publicado sob a direcção de JAIME DE SEGUIER
(Segunda edição revista)

LIVRARIA CHARDRON de Lelo & Irmão, Limitada — Editores
144 — Rua das Carmelitas — PORTO

DEPOSITÁRIOS EM LISBOA:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND—R. Anchieta, 25

Língua portuguesa, Artes, Letras, Ciências, Sinónimos, Termos brasileiros, Locuções latinas e estrangeiras. Mais de vinte mil artigos de História, Biografia, Geografia, (particularmente de Portugal e Brasil). — Notícias bibliográficas relativas às obras capitais de tôdas as literaturas, especialmente da portuguesa e brasileira. — Mitologia, Monografias de obras de arte famosas. — 6.000 gravuras distribuidas no texto, 110 quadros enciclopédicos, 1.000 retratos de individualidades célebres, 90 mapas geográficos, 8 mapas a côres, etc. — Preço do volume encadernado, 45\$00. Pelo correio, registado, mais 4\$50.

**LEIAM O FORMIDAVEL
EXITO LITERARIO**

TRABALHOS FORÇADOS

DO GRANDE PANFLETÁRIO

JOÃO CHAGAS

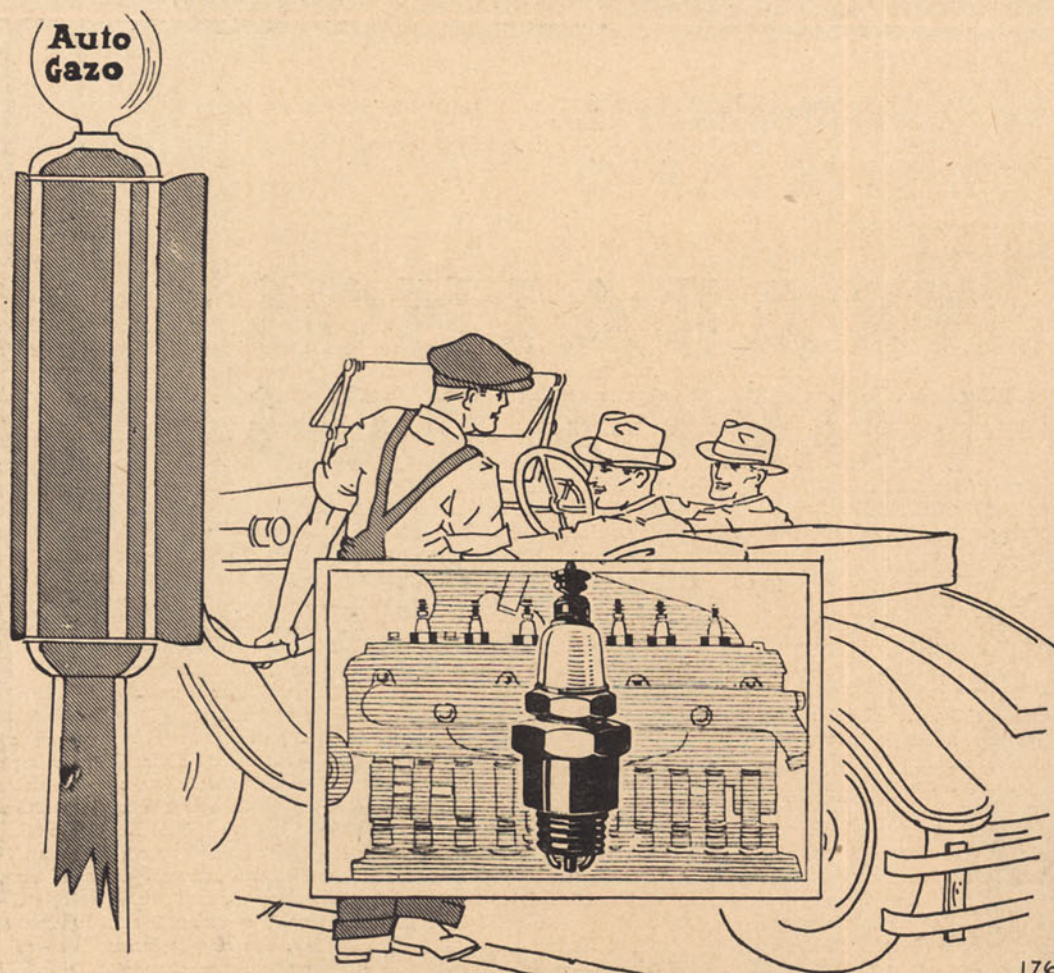
**O MAIS EMPOLGANTE
DE TODOS OS VOLU-
MES DE MEMÓRIAS**

**A REVOLUÇÃO DE 31
DE JANEIRO VISTA
POR ALGUÉM QUE
TOMOU PARTE NELA.**

**EDIÇÃO DEFINITIVA
EM TRÊS VOLUMES**

**CADA VOLUME
BROCHADO . . 10\$00**

**♦ PEDIDOS ÀS LIVRARIAS ♦
AILLAUD E BERTRAND
RUA GARRETT, 73 E 75
♦ ♦ ♦ LISBOA ♦ ♦ ♦**



176

VELAS LIMPAS

O emprêgo de uma gasolina de qualidade contribuirá para esse fim, visto a combustão ser completa.

Exija sempre a gasolina

Auto-Gazo

E evitará muitas pannes de alumage.

VACUUM OIL COMPANY

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»
R. d'Alegria, 30—Lisboa
REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procissão)
Telef. N. 873

ILUSTRAÇÃO

PROPRIEDADE E EDIÇÃO :
AILLAUD, L.ª
R. Garrett, 73, 75—Lisboa
ADMINISTRAÇÃO
Rua Anchieta, 25
Telef. C. 1084
1 DE MAIO DE 1928

DIRECTOR-DELEGADO :
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR :
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANO 3.º — N.º 57



EM CIMA, à esquerda: A SAÍDA DA ESTAÇÃO DO ROSSIO DO AUTO-MACA EM QUE ERA TRANSPORTADO AO HOSPITAL O TENENTE AVIADOR MANUEL GOUVEIA, VITIMA DUM DESASTRE DE AVIAÇÃO EM ESPANHA. — AO CENTRO: A CHEGADA DOS MEMBROS DA CONFERÊNCIA ESPANO-LUSA QUE ACABA DE REUNIR EM LISBOA COM PROFICUOS RESULTADOS PARA A APROXIMAÇÃO DOS DOIS POVOS PENINSULARES. — EM BAIXO, à esquerda: GRUPO DO NOVO GOVERNO CHEFIADO PELO SR. CORONEL VICENTE DE FREITAS, E QUE SE PROPÕE ENCETAR UMA GRANDE OBRA DE REGENERAÇÃO NACIONAL. — EM CIMA, à direita: —GRUPO DOS JOGADORES PORTUGUESES QUE EM 11, 12 E 13 DE MAIO SE BATERÃO CONTRA A NOVA ZELANDIA EM «LAWN-TENNIS». Da esquerda para a direita: ANTONIO CASANOVA, D. JOSÉ DE VERDE, F. RIBEIRO, F. VASCONCELOS, ANTONIO PINTO COELHO E R. DE CASTRO PEREIRA (CAPITÃO).—EM BAIXO, à direita: A CHEGADA A PARIS DO JOVEN DINAMARQUÊS PALL HULD, ESCOTEIRO QUE DEU A VOLTA AO MUNDO EM 44 DIAS SEM UTILIZAR A VIA AÉREA, E QUE VAI DEPOZ FLORES NO TÚMULO DE JÚLIO VERNE

CRÓNICA DA QUINZENA

Ainda não está solucionada a crise aberta entre os católicos franceses a propósito da condenação da *Action Française* pela Santa Sé, e já temos uma nova crise entre os católicos italianos, em consequência da dissolução das associações da «juventude católica», e da atitude tomada pelo Vaticano perante o gesto agressivo do nacionalismo fascista.

Poderá parecer, à primeira vista, que a questão só interessa aos católicos; mas, não, ela ultrapassa as fronteiras da grei católica, interessa a católicos e não-católicos, põe em discussão os limites do temporal e do espiritual, as relações entre a Igreja e o Estado, entre a consciência religiosa e os deveres do cidadão.

Que os dois acontecimentos tenham, ou não, ligação entre si, ambos se prendem com a mesma linha de orientação que Roma tem sempre seguido, através dos tempos, no que respeita ao poder espiritual da Igreja. Sempre ela proclamou que o espiritual era independente, e estava acima do temporal.

Com respeito ao caso da *Action Française*, quem não tiver seguido a questão, desde o seu início, na imprensa francesa, encontra no livro — *Les pièces d'un procès*, — prefaciado pelos srs. Charles Maurras e Léon Daudet, todos os documentos, pela sua ordem cronológica, e, juntamente, a defesa que a *Action Française* apresenta do seu acto de insubmissão. Por sua vez, o livro do sr. Maritain — *Primauté du spirituel* — desenvolve a justificação doutrinal do procedimento da Santa Sé.

Porque foi condenada a *Action Française*? Di-lo a *Declaração dos cardeais, arcebispos e bispos da França* a respeito da condenação da *Action Française*: porque «reconhecia por principais mestres e chefes homens que pelos seus escritos se tinham colocado em opposição com a fé e a moral católicas»; por «professar um «nacionalismo integral» que, no fundo, não é mais que uma concepção pagã da cidade e do Estado, onde a Igreja só tem lugar como sustentáculo da ordem, e não como organismo divino e independente, encarregado de dirigir as almas para o seu fim sobrenatural»; por revelar «a ausência completa de uma justa idéa sobre a autoridade do Papa e a sua competência, uma falta absoluta de espírito de submissão e de respeito...»

A quem não tenha bem presentes todas as obras de Maurras, não é fácil avaliar até que ponto é justa a atribuição que lhe é feita de certas doutrinas, que ele nega serem suas; mas, o que não sofre dúvida, para quem lê as «peças do processo», é que a doutrina da *Action Française* não é a pura doutrina católica. Quando Maurras diz que a *Action Française* é uma escola e uma doutrina exclusivamente política «deixando cada um li-

vre, por conseguinte, de dar à sua doutrina política os princípios filosóficos, morais e religiosos que entender verdadeiros, ele não está dentro da ortodoxia católica, para a qual «uma ciência política completa é de ordem não sómente filosófica mas teológica, e uma justa e completa idéa do Estado e da autoridade civil reconhece no seu princípio a lei de Deus».

Também as discussões com que os dirigentes da *Action Française* receberam a decisão papal mostram que a idéa que eles formam da competência da suprema autoridade eclesiástica, não é bem católica; eles desconhecem, ou interpretam de uma forma pouco ortodoxa a doutrina do poder indirecto sobre as coisas temporais, isto é «o poder que a Igreja possui sobre o temporal, não em quanto tal, mas em quanto interessando o espiritual e a ordem da salvação».

Quando o sr. Pierre Tuc escreve (*Les pièces d'un procès*, pag. 302): «qualquer que seja o fito prosseguido pela autoridade espiritual, por mais altos que sejam os seus fins, se os meios que Ela entende impôr-nos para a sua realização suprimem para nós a justa liberdade — QUE NOS VEM DO DIREITO NATURAL E NÃO DE UMA CONCESSÃO DA IGREJA...» sente-se um forte cheiro a chamusco. (Entre parêntese, é curioso observar como estes detractores dos princípios de 89, por eles qualificados de «inimigos jurídico-metafísico-político-morais», se apressam a invocá-los desde que os sentem atingidos nas suas pessoas).

Por outro lado, quem lê todos os documentos não pode esquivar-se à impressão de que alguma coisa deve haver de verdade no que diz o sr. Maurras, quando afirma que outros motivos, sem serem os apontados, é que determinaram a condenação da *Action Française*. Ele acusa uma vasta conspiração de germanófilos, judeus e franco-maçons, mas, certamente, vê os seus inimigos com vidros de aumentar.

O facto de ele, Maurras, não ser um crente era de sobejo conhecido, pois que a *Action Française* foi fundada em 1899; e é para estranhar que este agrupamento fosse denunciado em 1926 pelo cardeal Andrieu, justamente depois de Maurras ter expurgado as suas obras, nas últimas edições, de tudo que pudesse melindrar a consciência religiosa dos seus amigos. Demais, acrescenta Maurras, a obra da *Action Française* em defesa da Igreja foi objecto de louvores por parte

de vários prelados, entre eles, o próprio cardeal Andrieu, e até por parte do papa Pio X, que sempre se recusou a condenar a *Action Française*.

Seja como for, não há dúvida que a *Action Française* foi bem católicamente condenada; e os seus dirigentes devem estar convencidos, a estas horas, de que, em matéria de catolicismo, não se pode ser meio católico.

Quanto à atitude do Vaticano em face do nacionalismo fascista, ela justifica-se pela mesma doutrina dos dois poderes. O espiritual é distinto do temporal, mas os dois não estão colocados no mesmo plano, o temporal está subordinado ao espiritual. O «dai a César o que é de César, a Deus o que é de Deus» obriga o próprio César, e implica esta subordinação, porque o que é de César, é de Deus antes de ser de César. Isto é um pouco subtil, mas é assim mesmo, afirma-o o S. Tomás. Soberania absoluta, pois, só a de Deus; subordinada a ela, a soberania espiritual da Igreja; e a esta, por sua vez, a soberania temporal do Estado.

Ora, o fascismo faz do Estado, encarnação do ideal fascista, um absoluto. Para ele, a distinção entre católicos e não católicos, por importante que seja, é secundária; fascista ou anti-fascista, eis o que importa acima de tudo; e tudo na Itália tem de ser fascista. Isto explica o gesto do sr. Mussolini, e explica, do mesmo passo, os protestos do Vaticano: dois absolutos não podem coexistir. A Santa Sé mais facilmente se acomodará com um Briand, autor da lei da Separação, do que com Mussolini, promotor de um nacionalismo absorvente, onde a Igreja não pode ocupar senão uma situação subordinada.

O caso não é exactamente o mesmo que o da *Action Française*. Ali tratava-se de um pequeno agrupamento político, sem dúvida aguerrido, mas sem influencia sensível na marcha dos negócios públicos. Na Itália, pelo contrário, o Vaticano encontra-se em frente de um forte organismo político na posse absoluta de toda a vida política da nação, e cujo chefe goza de indubitável prestígio aos olhos dos seus sequazes. Manda, pois, a prudência usar de tática diversa, e a Santa Sé não precisa que lhe ensinem o padre-nosso. O Vaticano e o fascismo consecravam-se frente a frente como dois duelistas que se observam, sem embargo de trocarem expressões de bons propósitos de paz e amizade.

Que sairá daqui? Não é fácil dizer; mas o mais provável é que o sr. Mussolini modere a impetuosidade dos seus primeiros gestos, e que, de parte a parte, se procure chegar a uma composição, tanto mais que o italiano sempre teve através dos tempos, o génio das *combinazioni*.

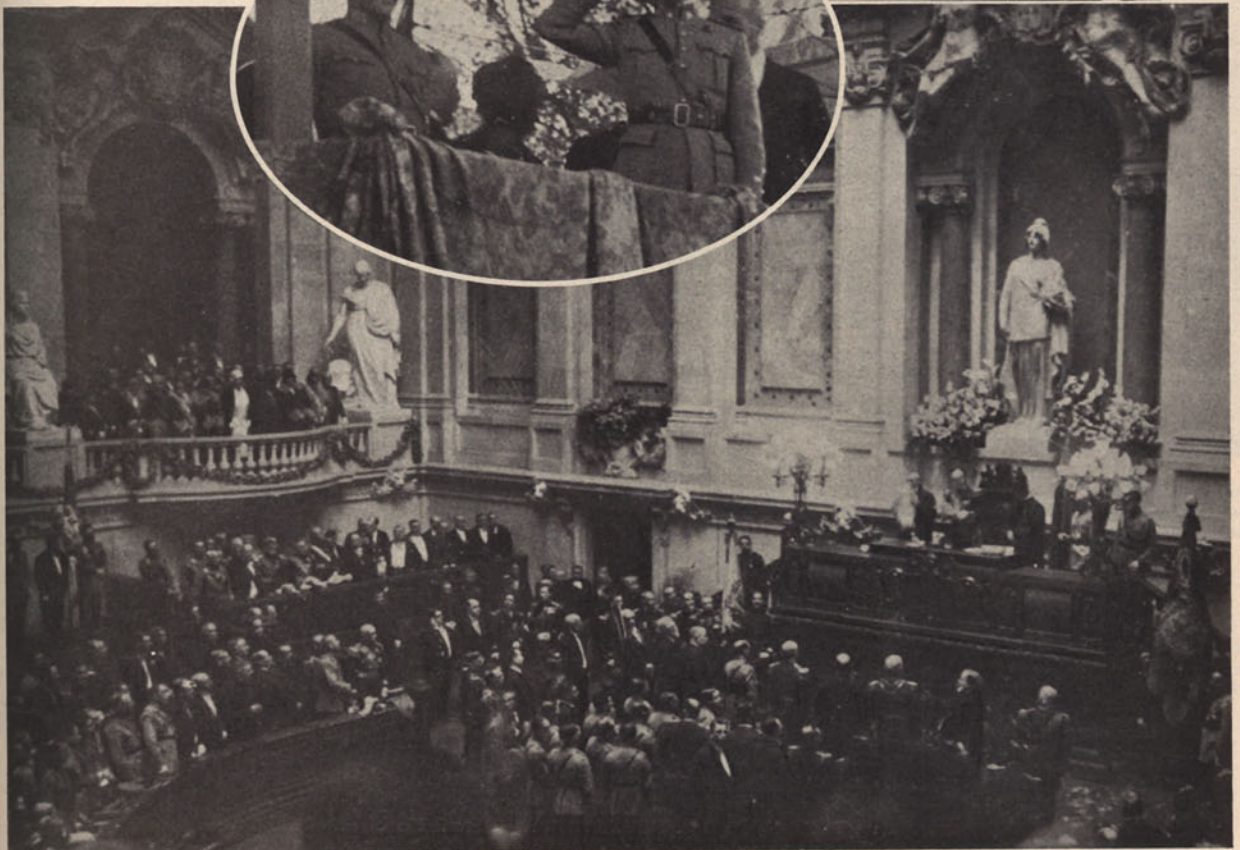
JOSÉ DE MAGALHÃES.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA



A PROCLAMAÇÃO PRESIDENCIAL

A proclamação do Senhor Presidente da República, General Carmona, revestiu grande brilhantismo. Arquivamos na nossa página um aspecto da parada militar, o momento em que o novo Presidente saía do edifício do Congresso, a continência às tropas em parada, e o momento histórico da leitura da declaração presidencial dentro da sala onde se realizou a proclamação



NO PORTO



EM CIMA: — A tripulação do «Adélia», que naufragou à vista de Leixões, tendo ao centro o velho mestre da chalupa
(Foto A. Martins)

A DIREITA: — Uma emotiva fase do Portugal-Itália, o primeiro desporto internacional jogado no Porto
(Foto M. de Novais)



NO MEDALHÃO DO CENTRO: — Na homenagem do Orfeu do Porto aos Mortos da Guerra. Um avião francês mutilado disarcando
(Foto Alvaro Martins)

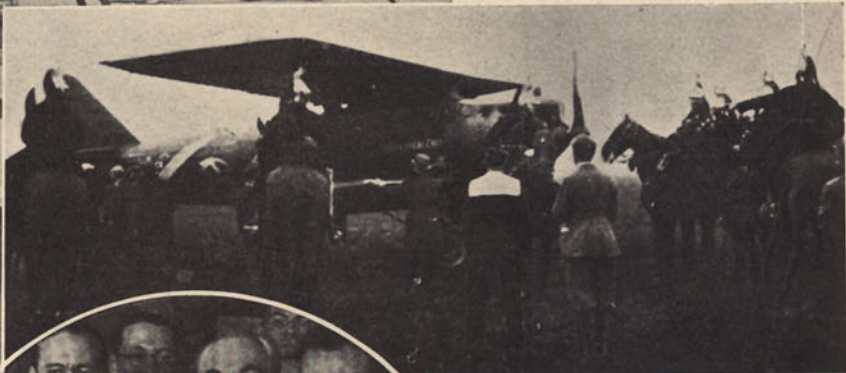
NO OVAL A DIREITA: — Em virtude do «temporal encalhou à entrada de Leixões o vapor português «Mourão»
(Foto Alvaro Martins)

A ESQUERDA: — Outro aspecto curioso do Portugal Itália
(Foto Mário de Novais)



Ainda a corrida da «Chama da Pátria». Grupo da equipe vencedora da corrida militar de estafetas Batalha-Porto, ante o monumento aos Mortos da Grande Guerra
(Foto Alvaro Martins)

PRODÍGIOS — DA — AVIAÇÃO



EM CIMA: — Antes da partida do «Bremen» para o seu grande vôo transatlântico. Junto do magnífico «Junkers» veem-se da esquerda para a direita: Fritz Loose o piloto do D. 1230, a esposa do piloto Kochl, do «Bremen», o piloto chefe Kochl, barão Von Hünefeld, proprietário do «Bremen», o piloto Ristetz, az da aviação e a esposa deste último e dois filhos

Antes da partida. Vê-se bem uma secção da aza do «Junkers» «Bremen» especialmente aparelhada para funcionar de flutuador. O «Bremen» conseguiu atravessar, prodigiosamente o Atlântico Norte, sendo os seus motores lubrificados com óleos «Shell»

(Fotos dos S.A. P.)

EM CIMA, à esquerda: — O avião «France» do engenheiro Hubert com um só motor de 600 cavalos que vai lançar-se à travessia do Atlântico Norte.

(Foto H. Manuel)

A ESQUERDA: — Os tripulantes do avião «France»: O capitão Condouret (fardado) que será o piloto e o conde Luis de Mailly-Nesle que será o observador e radiotelegrafista

(Foto H. Manuel)

A DIREITA: — A chegada a Le Bourget do grande avião francês Nungesser Coli, que, tripulado por Costes e Le Brix, efectuou a volta ao mundo

(Foto H. Manuel)

NO MEDALHÃO: — Os heroicos pilotos aviadores Costes e Le Brix (no 1.º plano), que realizaram a volta ao mundo, assinando o livro de ouro do Aéro Club de França

(Foto H. Manuel)



VIDA SOCIAL E ARTÍSTICA



Realizou-se na Casa de Fornelos, em Santa Marta de Penaguião, perto de Vila Real, com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Teóralda Ribeiro dos Santos, gentil filha da sr.^a D. Maria Ribeiro dos Santos e do sr. Jacinto Ribeiro dos Santos ilustre livreiro-editor do Rio de Janeiro, com o distinto tenente sr. João Carvalhal dos Santos, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Maria dos Santos Borges, e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Manuel Joaquim Ribeiro dos Santos.

Findo o acto foi servido no salão de mesa um finíssimo lunch, partindo os noivos depois para o norte onde foram passar a lua de mel. Na «corbelle» via-se grande número de valiosas prendas.

NO OVAL: — Assistência a uma récita de amadores da sociedade no Teatro Luís de Camões.

AO CENTRO, à esquerda: — Grupo de gentis senhoras elegantes que deram realce ao baile que se realizou no Instituto Comercial de Lisboa comemorando o 7.^o aniversário da fundação da sua Associação de Estudantes.

À DIREITA, em baixo: — UMA AUDIÇÃO NO CONSERVATORIO NACIONAL DE MÚSICA DO GRAU COMPLEMENTAR. O nosso grupo representa os ilustres professores daquêle estabelecimento com os alunos e alunas que se honraram brilhantemente.

Da esquerda para a direita: — Professor Ivo da Cunha e Silva, Manuel Gonçalves Queiroz, Professor António Costa Reis, Professor Pavia de Magalhães, Julieta Pinto de Carvalho, Idalina Mendonça Santos, Professor Artur Trindade, Maria Helena Ribeiro Nunes de Freitas, Mário Mota Pereira, Maestro Vianna da Mota, Inês Vianna da Mota, Fernando Carneiro de Carvalho, Estefânia da Costa Soares, Samuel Milfânia da Costa Soares, Samuel Milfânia da Costa Soares, Orlanda Lucena Queirós, Maria Luísa Mauzo.





DOVGALEVSKY

ACTUAL embaixador dos *Soviets* em Paris, que se tem tornado muito notado pelas suas diligências junto do Quai d'Orsay, acerca do ouro soviético que o Banco de França reclamou dos Estados Unidos.

(Foto H. Manuel)

FIGURAS DO MOMENTO



S. M. O REI AMANULLAH E A RAINHA SURREAYA DO AFGHANISTAN

OS soberanos do Afghanistan atraíram as atenções dos povos europeus durante a sua peregrinação pela velha Europa. A formosa rainha Surraya, declarando que, de volta ao seu país abolirá o véu tradicional, agradou às mulheres frívolas do ocidente, e o simpático Amanullah se não agradou tanto aos europeus foi porque inexplicavelmente se esqueceu, ao que parece, de pagar contas de hotéis, alfaiates, modistas e... *tutti quanti*...



PARKER GILBERT

AGENTE geral das reparações da Sociedade das Nações, que em breve terá uma conferência em Roma com o ministro das Finanças do Reich, o senhor Koeler, conferência a que se liga excepcional importância.

(Foto H. Manuel)



S. A. R. O PRINCIPE DE GALLES

O herdeiro do trono inglês é uma figura de pitoresco destaque. Parece reviver nêle a figura popular de Eduardo VII, quando herdeiro também, pela sua jovialidade, thaneza e à vontade verdadeiramente simpáticos.



ERNEST LOUGH

O mais pequeno e mais célebre cantor da actualidade.

Interpretando os solos de soprano nos côros religiosos de Westminster, teve tão grande sucesso que o disco fonográfico que impressionou alcançou a bonita cifra de venda de meio milhão em duas semanas.



COM. ALFREDO PADOVANI

ILUSTRE maestro, director e concertador da ópera lírica, actualmente em Lisboa, e que tem conquistado a admiração dos amadores de música e os aplausos da crítica pela maneira sabedora e brilhante porque tem ocupado a regencia da orquestra nas mais diversas obras musicais.

GIMENEZ

DIRECTOR DE "LA
FALA Á

O sr. Gimenez Caballero que todos os portugueses cultos conhecem através do seu brilhante e prestigioso quinzenário de literatura e crítica—*La Gaceta Literária*—da sua colaboração no *El Sol* e ainda da sua obra—*Notas Marruecas de un soldado, Carteles, Los Toros, Las Castanuelas, La Virgen, Hercules jugando a los dados*—tem apenas 29 anos. Na idade em que muitos vivem apenas de vagos sonhos, seduzidos mais por quiméricas ambições do que por acções fecundas, Gimenez Caballero dá o nobre exemplo duma actividade assombrosa, conseguindo ser, ainda em plena juventude, respeitado e acatado pelos literatos espanhóis como escritor e como crítico. Porém, não se deteve, nesta dupla função, a sua actividade mental. Gimenez Caballero, que é formado em letras, foi também pedagogo, tendo sido, durante algum tempo, professor da língua e da literatura espanholas na Universidade de Estrasburgo.

O sr. Gimenez Caballero que, como a imprensa diária oportunamente referiu, esteve há dias em Lisboa, tratando da Exposição do Livro Português em Madrid, começou a entrevista que amavelmente nos concedeu, no Avenida Palace onde esteve instalado, por nos expôr, dêste modo, os dois objectivos fundamentais da sua brilhante publicação periódica *La Gaceta Literária*:

—Um, europeu, internacional, à semelhança de *Les Nouvelles Littéraires, La Fiera Litterarie* e da *Litterarische Welt*. O outro, de acção interna, peninsular, destinado a corrigir a atenção excessiva que as gerações anteriores tinham pela Europa; excessiva a ponto de as fazer esquecer, um pouco, as culturas peninsulares.

Foi êste último objectivo que determinou a ideia da primeira exposição duma cul-



Retrato de Gimenez Caballero
POR ALMADA NEGREIROS

tura peninsular paralela à castelhana: a catalã.

—Coube, agora, a vez a Portugal...

O nosso entrevistado ergue-se um pouco do seu *maple* para proferir, num tom de veemência peculiar a todos os convictos e a todos os homens de acção, estas palavras de eloquente defesa da sua admirável iniciativa, a Exposição do Livro Português em Madrid:

—Esta iniciativa que não possui o menor carácter político, tem por objectivo auxiliar o desenvolvimento das culturas ocidentais, provocando o aparecimento de valores autónomos e não servis de culturas estrangeiras. Para isto, é indispensável que Portugal e Espanha se auxiliem mutuamente, esforçando-se por se conhecerem melhor e trabalharem juntos nas nobres tarefas do espírito. Eis, em síntese, o que pretendemos com a Exposição do Livro Português em Madrid.

O nosso entrevistado passa a referir-se à maneira como Portugal é conhecido, literariamente, no seu país:

—Há, na Espanha, um conhecimento mais profundo da literatura clássica portuguesa do que da romântica ou da naturalista.

«A clássica é conhecida pelos eruditos. E a do século XIX e princípios do século XX

CABALLERO

GACETA LITERÁRIA,
"ILUSTRAÇÃO,"

por personalidades tão eminentes como Valera, Menendez Pelayo, Unanuno, Eugénio d'Ors, Ramiro Maeztu, Perez de Ayala e Araquistain. Camilo, Junqueiro, Antero, Aquilino Ribeiro, Eugénio de Castro, Fialho de Almeida, Júlio Dantas são populares no meu país.

—Eça de Queiroz?

—O autor da «Ilustre Casa de Ramires» é, de entre todos, o mais lido.

—A literatura moderna?

—É quasi desconhecida. Só Gomez de La Serna, um espanhol quasi português pelo seu coração, nos revelou alguns dos modernos literatos portugueses.

«A *Gaceta Literária* que tem inserido, em língua portuguesa, artigos dalguns literatos modernos, vai publicar, em breve, uma folha exclusivamente lusitana, feita em Portugal e colaborada por portugueses.

«Procuraremos também atrair a Espanha conferencistas portugueses.

«Confiamos que, por sua vez, as revistas portuguesas, como por exemplo a vossa esplêndida *Ilustração*, hoje conhecida em Espanha, publiquem secções espanholas escritas no nosso idioma que é tão compreendido, como no meu país a língua portuguesa.

Últimas palavras de Gimenez Caballero:

—O vosso cavalheiresco país saberá—estou inteiramente convencido—corresponder às nossas intenções. Disso constituem provas animadoras e irrefutáveis os convites e os incitamentos que, ultimamente, tenho recebido.

«Peço-lhe que transmita por meio da *Ilustração*, à intelectualidade portuguesa, o meu profundo agradecimento por essa distinção que nos honra profundamente.



SIMÃO DA VEIGA

Retrato de M.^{me} A. Z. Cortezão

LIVROS E ESCRITORES

Um dos mais célebres imitadores de Dom João Tenório afirmou ser mais difícil reconquistar o amor duma mulher do que colher-lhe dos lábios o primeiro beijo: já não influi nela a curiosidade e, em seu lugar, ficou o tédio, sedimento amargo de toda a paixão. Um símile disto nos fornece a literatura: autor que, após ausência um tanto longa de qualquer género outrora seu predilecto, regressa a ele, vai quasi sempre encontrá-lo mais esquivo do que quando o abraçou como estreia. Perdeu o treino e, o que é o pior do caso, sabe bem que o perdeu: daí pisar sem firmeza o terreno.

Esta observação veio-nos ao bico da pena ao findarmos a leitura da última obra do sr. dr. Sousa Costa. Depois de não curto interregno no romance, género no qual ele nos dera, pelo menos, um livro vigoroso, *Resurreição dos Mortos*, de assunto bem conduzido e scivo da cor local, o autor, anos seguidos entregue a escritos fragmentários, fazendo-o aliás com notavel brilho, resolveu há coisa dum ano recuperar o seu lugar como romancista, com o *Amor I, o cruel*, obra que pouco nos agradou.

Porém na de agora, de título *A Divorciada*, ainda fresca das tintas de impressão e vaidosa da sua capa realmente bonita, verifica-se que o autor já conseguiu aproximar-se bastante da sua antiga maneira: a reconquista neste caso vai sendo operada com mais presteza do que poderíamos esperar, segundo o paralelo acima estabelecido.

Romance contra o divórcio, que não restitui aos mal-esposados a alegria de viver e, sobretudo, infelicita, quando os há, os filhos — misereros destroços d'esses lares que se afundam, — o tema, embora não seja inédito (*mi novi sibi sole*, disse-o já o delicioso Salomão, quando lhe chegou a hora de rabujar no Eclesiastes), é actual e tão susceptível como qualquer outro de dar medida para um bom romance.

As figuras são razoavelmente desenhadas. Só Mafalda, delirante na sua prosápia, está fóra da realidade: a sua irascibilidade sempre em riste contra a nora é do tipo caricatural criado e repetido em anedotas de almanaque.

narrativa auto-biográfica dum moço advogado que por ela se apaixonou, põe-nos em frente da conversão duma pecadora. História velha como... como a *Dama das Camélias* — direis, e é certo. Mas nem o próprio autor oculta o parentesco literário da sua heroína com a de Alexandre Dumas. Luís Nóbrega, libertino aposentado que, com o seu monóculo faincante e o

que viu ali e pelos caminhos, o bando dos estropiados e dos cancerosos, a multidão dos tuberculosos e dos chaguetos, as scenas de éxtase e também as de desespero, êle aqui no-lo relata, sem se decidir por um acto de fé nem por uma repulsa herética. Seu estado de espirito, ao termo da obra, é o de Flaubert, quando confessou «je suis mystique au fond et je ne crois à rien».

Tal confissão, na verdade, não é privativa de Flaubert. Ela é talvez a de todos nós, homens d'este século. E por isso João Grave, no Filipe da sua *Lourdes, terra de milagres*, focou bem um problema da consciencia contemporânea, que, vagueando entre a religião e a filosofia, em toda a parte sente o frio transi-la.

A par da redicção completa e definitiva da sua obra poética, uma das de maior opulência artistica da nossa literatura contemporânea, o sr. dr. Eugénio de Castro vai também compilando em volume os seus pequenos trabalhos de prosa, na sua maioria correspondências para um grande periódico argentino, *Cartas de lorna-viagem* é a denominação escolhida para essas colectaneas, cujo tomo segundo acabamos de lêr.

Doze são as crónicas aqui reunidas, uma que nos pinta uma paisagem bela, como vemos na que trata do Buçaco, outra que traça, em contornos apenas, a história duma povoação, como succede com Vila do Conde, outra e outra ainda que nos tornam familiares e queridas da intelligência e do espirito certas individualidades gradas da nossa terra, escritores, artistas, sábios: Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Luciano Pereira da Silva, João de Deus, Júlio Denis, o pintor António Carneiro, Teixeira Lopes, o mago do cinzel, e outros mais. Em linguagem desataviada mas expressiva, sem os labores de ourives que tornaram excelsos os seus poemas mas com a intenção e o colorido próprios do género e também de cada assunto tratado, este volume, como o anterior, interessa. Sobretudo, as páginas sobre o divino lirico do *Campo das Flores*, feitas com notas íntimas da vida do amoroso cantor de Deus e da Mulher, notas íntimas mas não indiscretas, justificam o resguardo em volume d'estes es-



Dr. Afrânio Peixoto

seu ar jovial, é tão estimado nos sítios suspeitos como nos salões das famílias honestas, figura curiosa do romance, define assim essa mulher que move a intriga da obra, a enigmática Bagéense, quasi feroz no amor: «A Dama das Camélias, sem tragédia... Santa Maria Madalena, de sociedades». Mas, sobre a *Dama das Camélias*, caso romanesco que, com as suas hemoptises, sempre nos enjoo mortalmente, — quantas belezas mais este livro encerra! Vivacidade no comentário, imprevisão de situações, observação arguta, poder de ironia escarpelizando a sociedade hodierna do Rio de Janeiro, onde o cosmopolitismo põe em mistura cabotinos e caracteres puros, gente da alta e aventureiros de toda a espécie: luxo, febre de negócios, corrupção politica, costumes degenerados. Como é típica essa familia do Conselheiro Guimarães Serpa, com a tentadora trindade das filhas, como é real esse já citado Nóbrega, como são vivas todas as figuras aqui desenhadas, mesmo as episódicas. Scenário e gente vibram dentro d'este romance, sob a chuva do monfaca do oiro, que os sacode em sensações e paixões. Por um lado, a natureza pletórica da terra americana a tonificar essa sociedade; por outro, a civilização europeia, com todos os seus requintes, a fatigá-la e a marcar-lhe para uma data futura, embora ainda longínqua, a decadência, destino fatal dos povos e dos continentes, como dos indivíduos.

Outro tema que muitos consideram gasto: Lourdes e os milagres da sua gruta. Mas para comprovar mais uma vez que essa classificação de temas gastos é tudo o que há de mais arbitrário, João Grave, o romancista tão fecundo dos *Famintos*, da *Jornada Romântica*, do *Reinado Trágico*, da *Vilória de Parsifal* e de muitas outras obras que é ocioso citar, deu-nos no seu último livro uma visão do célebre santuário pirenaico e do seu ambiente de fé. Romance? Embora a construção da obra tenha o seu quê de romanesco, com a existência duma figura que recebeu o encargo de nos transmitir o sentir do autor, romance, pelo menos segundo a fórmula de Forster, nos seus *Aspectos do Romance*, não há ali, por falta duma acção. Aliás, o autor deixa ao nosso alvedrio a etiqueta do livro. Seja, pois, o de impressões duma viagem a *Lourdes, terra de milagres*, que é este o título do volume. Filipe, ao roçar pelos cincoenta annos, sente no espirito todo o travo duma existência batida dos ventos do racionalismo e, portanto, sem crença. Acode-lhe então a ideia de se incorporar numa das muitas peregrinações que se dirigem a Lourdes. E o



João Grave

critos dispersos duma personalidade muito nobre das letras portuguezas.

Leitura retemperadora dos nervos, que a estridula e vertiginosa existência moderna fatiga até à exaustão, é a que se encontra no recente livro da senhora D. Maria de Carvalho, *A viagem da Vida*.

Composto de pequenos trechos de prosa, breves pensamentos e ligeiras recordações, como faz bem lê-lo, mas lê-lo fóra da cidade, no silêncio amigo do campo, onde as confidências acordam em nós um mais profundo êco! Com uma carta-prefácio do sr. Antero de Figueiredo, que se excusa, com sobeja razão, a vir apresentar-nos a poetisa já muito illustre dos



Dr. Eugénio de Castro

Mas a de João de Lucena, cavalheiresca, dum límpido brio e coração cheio de bondade, é perfeita.

Outro romance, êste dum escritor brasileiro muito illustre nas duas bandas do Atlântico: Afrânio Peixoto. Chama-se a nova obra d'esse lusófilo de primeira água *Uma mulher como as outras* e pertence ao departamento da «Natureza e Civilização» da sua já abundante bibliografia, acamaradando af com a *Fruta do Mato*, livro de páginas fortes que desprendem o aroma agriçoce dos pomos colhidos da árvore e logo ali, ao ar livre, mordidos em voluptuoso banquete.

Uma mulher como as outras, sob a forma de

Sonetos e do *Através da Bruma*, este livro é todo ele a confidencial conversa comosco dum carácter de rara delicadeza e superior sensibilidade. Nada de esquisito, de precioso, nos motivos destes comentários, que são ao mesmo tempo inteligentes e comovidos: todas essas coisas e séres de que a autora fala, a gente passa por elas em cada dia que Deus deita ao mundo, sem lhes reconhecer grandeza, sem lhes atribuir excelência. A gente passa por elas, sim; mas não as vê, embora as olhe, como o triste cego das Escrituras. R. é preciso que os espíritos privilegiados como os da escritora do *Através da Vida* nos venham chamar a atenção para elas, para que as descubramos, para que, enfim, as amemos um pouco. R., às vezes, oh! quantas vezes! mais do que surpresa, experimentamos o deslumbramento; convencemo-nos então de que as pequenas coisas da vida são, afinal, as maiores. A viagem da Vida — se a pudéssemos começar de novo, queríamos tomar por guia, marcando por ele o nosso itinerário, este formoso livro da sr.^a D. Maria de Carvalho.

No primeiro enfeixam-se quatro historietas, uma de origem austriaca, outra persa, a terceira escandinava, a última japonesa. Fantasia cativante vestindo, em todas, um conceito moral. O outro livro põe-nos Polichinelo em pastéis e visitas a tudo que de curioso e artístico possui a capital portuguesa. Linguagem corrente, leve, graciosa. Em suma, mais dois bons livros para os miúdos da nossa terra, com textos enriquecidos pelos lapís, respectivamente, de Maria Roque Gameiro e Alfredo de Morais. A bibliografia filosófica, tão férta entre nós, adquiriu agora um estudo digno de ser pôsto em relêvo, já pelo seu assunto, já pela maneira como aparece tratado: *Ensaio sobre a ética de Guyau nas suas relações com a crise moral contemporânea*, subscrito pelo sr. dr. Sílvio de Lima. Não é para aqui, onde o espaço é mui restrito, a análise demorada deste trabalho, tanto mais que apenas fizemos a sua leitura por alto. Pareceu-nos, porém, a sua orientação acertada, no sentido de confirmar em Guyau um dos mais esclarecidos mentores do pensamento moderno. Ele e a sua doutrina sobreviveram à

to: o título está certo, pois trata-se do amanhecer dum talento, com luz ainda vaga mas prometedor de um dia claro. *Lenha da Aldeia*, em sonetinhos, já é indício do que vale como poeta o autor. *Primeras Rimas*, do sr. João Tomé Fêreira: inexperiência, perillidade e pouco mais, a não ser boa intenção. Primeiras rimas, primeiros passos de débil infante na arte poe



Dr. Sílvio de Lima

CONCURSO LITERÁRIO

Já por duas vezes a Ilustração teve de prorrogar o prazo do concurso que promoveu entre os romancistas e novelistas portugueses, e todavia vê-se forçada a nova prorrogação, decerto a derradeira. Com o mês de Abril terminara o período fixado para a entrega dos trabalhos, e, não obstante ir já decorrido pelo de ano e meio sobre a abertura do forno, as obras inscritas até ontem somaram apenas 13. Que concluir de tão exiguo número de candidatos? Desintere-se pelo nosso Concurso, ou inexistência em Portugal de mais cultores do género? Nem uma coisa nem outra: muito simplesmente, só a desoladora persistência das contrárias circunstâncias de carácter nacional que há meses imperavam e nos impuseram os anteriores adiamentos do fêcho do certame. Recordemos as nossas palavras de então: «A vida colectiva portuguesa tem-se apresentado nos últimos tempos o mais avessa possível ao cultivo das letras, que exige uma atmosfera serena e carinhosa. Focados os espíritos nos acontecimentos de ordem política, o ano literário em decurso está sendo por isso mesmo um ano de crise, proferção no campo da inteligência da crise geral do país.» Mutatis mutandis, o quadro actual é idêntico e é, portanto, igual o motivo da prorrogação que hoje anunciamos e nos foi solicitada muito insistentemente por diversos escritores das novas gerações. Há muitos trabalhos em preparo e outros que, libertos da mão dos autores, ainda não puderam entrar nos prelos, todos eles destinados a este Concurso, justamente considerado como estímulo forte para o ressurgimento da literatura de ficção entre nós. Cerralhes já, antes de eles a atingirem, a porta para a qual vinham, cheios de esperança, caminhando, seria mais do que impiedoso: fazê-lo iria diminuir muito o alto objectivo que a Ilustração teve ao chamar a si, com os correlativos e pesados encargos, esta iniciativa. Em suma, o prazo para a entrega dos trabalhos fica ampliado até 30 de Outubro próximo futuro.

Este facto implica, evidentemente, a transferência da FESTA DO LIVRO, que no referido concurso tem como que o seu eixo: ela virá a realzar-se na semana que abraça o dia 1.º de Dezembro de 1928, data gloriosa da história pátria da qual não desloará a função de proclamar e galardoar os nossos romancistas e novelistas vencedores.

Mas não se limita a isto a alteração que resolvemos introduzir

nas condições até agora vigentes: ela atinge também o plano dos prémios, igualmente para atender às solicitações dos novos escritores. Apenas com dois grandes prémios da mesma categoria (observam-nos eles) — um para ser atribuído por um júri de críticos, outro por meio de votação dos leitores da nossa revista, igualmente ambos os prémios caberiam a escritores consagrados, desde que estes também concorressem, como é natural e já se verificou; e, assim, o incentivo para os novos que se tinha em vista estava totalmente comprometido. Por outro lado, o segundo processo de escolha das obras, isto é, por sufrágio do público, oferece ainda, nos dias presentes, muito poucas garantias de concorrência e seriedade. O leitor português, em geral, não leva o seu entusiasmo pelo livro ao ponto de se incomodar a emitir sobre ele um parecer expresso num voto: a abstenção seria, sem dúvida, pouco menos que global, e daqui o risco de vermos viciada, ou mesmo anulada, a significação da nossa ideia, que continuamos a reputar interessante, mas por enquanto inócuo entre nós. E por isso a pomos de parte, reverendo a importância do prémio que lhe destináramos para a criação de mais dois prémios a conferir pelo júri de homens de letras, a seu tempo nomeado para classificar as obras concorrentes.

Com tais resoluções cremos ter alargado o interesse do certame, posto desta forma ao alcance de todos os novos romancistas e novelistas.

Enunciamos, pois, novamente as condições básicas do certame, ao qual, como é óbvio, mantemos os seus ditos as obras já inscritas:

I — Só podem concorrer os livros originaes, de romances ou novelas, cujo texto exceda 200 páginas e, sendo de autoria portuguesa e editadas em Portugal, tenham vindo ou venham a lume desde 1 de Outubro de 1926 até 30 de Outubro do ano corrente;

II — Os editores dessas obras enviar-nos não cinco exemplares de cada uma delas, para serviço do júri, designando com nitidez no envólucro «Para o Concurso Literário da Ilustração»;

III — As recompensas monetárias, na totalidade de DEZ MIL ESCUDOS, serão assim divididas:

1.º PRÉMIO.....	5.000\$00
2.º PRÉMIO.....	3.000\$00
3.º PRÉMIO.....	2.000\$00



D. Maria de Carvalho

Doutra meritoria obra dum espírito feminino nos queremos ocupar hoje, embora sucintamente. Trata-se da senhora D. Emilia de Sousa Costa na missão, em que se mostra infatigável, de apresentar as crianças portuguesas com livros que distraem e educam. Dois volumes novos nos apresentou ela agora: a segunda parte dos *Contos do Joãozinho e Polichinelo em Lisboa*, este reimpresso.

sua época. Boutroux, Bergson, James, Lodge, Le Roy, Tyrrell, puderam e podem ainda escutar da campã de Menton, onde éle, muito novo, foi repousar, incentivos para a luta contra a razão abstracta que, embora por caminhos diferentes, todos pretendem derruir. Este livro revela uma leitura muito vasta da matéria e também uma inteligência devéras penetrante.

Poetas, de revelação recente uns, outros que persistem com modéstia no culto das musas, devemos mencionar hoje alguns. Primeiro as damas, conforme manda a boa cortesia. Amélia de Guimarães Vilar traz-nos um livro de quadras, *Pecados de toda a gente*. O beijo cantado em todos os tons. A autora já publicou trabalhos melhores. Era uma vez um amor..., de Alice Ogando, e seu segundo livro: sonetos, amorosos todos, bem feitos alguns. *Ódio*, por exemplo, é muito feliz na ideia. *O Palácio da Ventura*, do sr. Gregório Cascalheira, se em grande parte nada nos diz de novo e belo, não deixa de conter uma ou outra poesia merecedora de elogio: por exemplo, o soneto *Pedras Sólidas*. O sr. João de Brito Câmara fez a sua estreia com *Manhã*, que apresenta um prefácio de João Cabral do Nascimento.

No *Sacrário de Ilusões*, do sr. Chaves Costa, há versos de amor, versos de saudade, talvez sinceros, mas não dos que vincam uma personalidade. Finalmente, por hoje, quanto a poesia, o volume *No limiar do poente*, em cujas páginas o sr. Afonso Simões compulso muitas recordações familiares, telas rústicas, vilancetes, pequenas narrativas metrificadas. Não se trata dum poeta de grande voo, mas na sua lira as cordas são vibradas com sensibilidade, sem a qual, sabido é, nunca ninguém fez poesia.

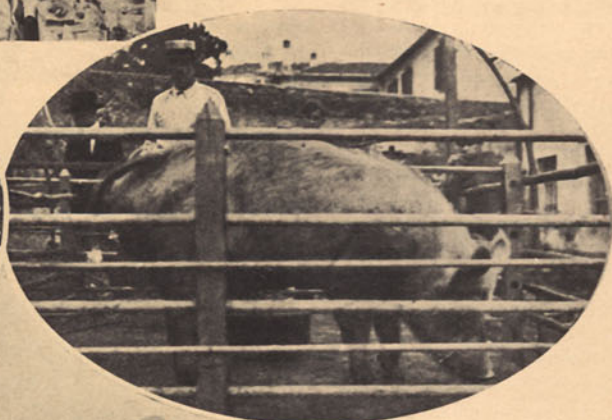
Perplexos nos deixou a leitura do novo livro do sr. Henrique Costa, intitulado *Prosas Estranhas* e composto de pequenas crónicas e impressões sobre terras, factos artísticos, etc. E que vemos nele um dos mais flagrantes casos de cataclotismo, ou seja o emprego de palavras rebuscadas e alheias à escrita e à fala correntes. Brevemente assim, sem clareza, num estilo que pode ter muita pompa, mas põe em contínuos embargos a inteligência do leitor, em nem sempre disposta a perder tempo e paciência em labirintos, levamos quasi a dar razão ao outro que dizia ter sido dada a palavra ao homem, não para ele exprimir o seu pensamento, mas sim para ocultá-lo.

PELAS ILHAS E COLONIAS



A ESQUERDA. Em Lourenço Marques:— Aspecto do banquete oferecido pelas forças económicas ao sr. governador geral de Moçambique, tenente-coronel José Cabral, quando da sua partida para Lisboa. O banquete, no «Polana Hotel», reuniu 193 convivas e foi uma grandiosa manifestação de apreço pelos altos serviços prestados pelo governador à colónia

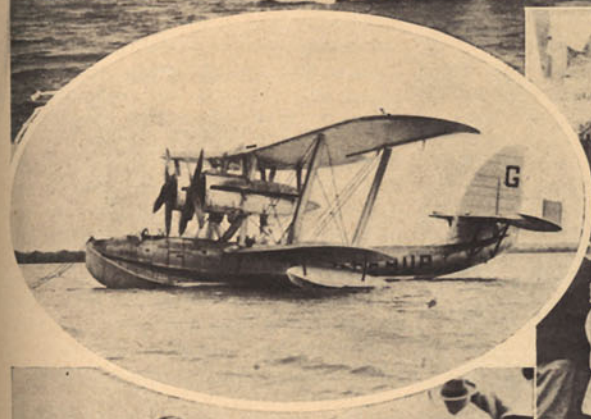
NO OVAL, à esquerda: No Funchal:— Aspecto da grande Exposição Agrícola e Pecuária cuja iniciativa se deve aos sr. engenheiro-agrônomo Barros e Sousa, médico-veterinário Nazaré Barbosa, funcionário agrícola Izequiel Veloso e visconde do Pôrto da Cruz, e que obteve animador êxito



NO OVAL, à direita:—Um belo exemplar de suíno Bizarre Yorkshire, na Exposição Agrícola e Pecuária do Funchal



A ESQUERDA, em Lourenço Marques:—O aparelho de Sir Allan Cobham, em que este fez o periplo de África, fundado na baía



A ESQUERDA, no oval.—Outro aspecto do «bote voador» em que Allan Cobham, com a esposa, dois mecânicos e copiosa bagagem e guarda-roupa, tentou e realizou o periplo de África auxiliado pelos seus dois motores «Rolls Royce» de 700 cavalos cada

A ESQUERDA, em baixo:—Sir Allan Cobham e sua esposa desembarcando em Lourenço Marques como dois vulgares turistas

(Fotos do amador sr. Thomas)



A DIREITA: Na Exposição Agrícola e Pecuária do Funchal—Um aspecto da instalação duma manufactura e análise de lacticínios

PONTAS DE CIGARRO

No quarto de Graziela, sobre uma cómoda D. João V, distingue-se, entre outros objectos preciosos, um admirável cofresinho de ouro cizelado, que uma minúscula fechadura hermeticamente fecha.

Mudo, esfíngico, mas cheio de encanto e de elegância, elle eleva-se altivo e dominador, sobre os seus pésinhos frágeis, maravilhosamente trabalhados.

E com que ternura, com que carinho, a linda Gabriela o mostra às suas amigas!

E elas pegam-lhe curiosas e, em vez de lhe admirar a beleza, tentam decifrar o segredo que elle ciosamente guarda.

Mais de uma o tem tentado abrir, mas em vão.

É o seu companheiro inseparável, o seu amigo fiel, o seu tesouro, dizia Gabriela com um sorriso triste, duma ternura infinita.

Mas um dia em que ella conversava com uma amiga, no seu «boudoir», alguém a chamou ao telefone.

A Terezinha de Noronha, uma criança crescida, como o marido lhe chamava, a pesar de já ter um adorável bêbê de dois anos, esperta, curiosa, com uma pontinha de maldade no seu sorriso de boneca, aproveitando a ausência de Gabriela e, vendo, através dum reposteiro de tulle, o famoso cofre, teve a imperdoável curiosidade de lhe remexer a gaveta, onde sabia se encontrava a pequena chave de ouro, a chave do misterioso segredo.

Um pouco corada, pegou-lhe precipitadamente, e a sua mãozinha trémula deu criminosamente as duas voltas do fecho. As fontes latejavam, o coração batia desordenado, mas Tereza, sem querer ouvir a voz da consciência, abriu-o, devagarinho, quasi a medo.

Mas oh que decepção! Só pontas doiradas de cigarros, algumas negras e sujas, jaziam amontalhadas no setim côr de rosa, doce e macio.

Mas então era aquilo a que Gabriela chamava o seu tesouro?!

Pontas de cigarro, negras e sujas!

E Tereza, nervosa, teve um ataque de riso que a sacudiu toda, e as suas gargalhadas

frescas cortaram o silêncio do velho palacete e foram morrer lá fora, no parque perfumado pelas roseiras em flôr.



De repente, sentiu um grito abafado, e viu junto de si Gabriela muito pálida, com os olhos cheios de lágrimas.

— Oh, Tereza, que maldade! Quizeste desvendiar o meu segredo, e ainda te ris de mim!

E Gabriela não pôde continuar porque Tereza, com os braços em volta do seu pescoço, lhe pedia humildemente perdão.

— Vamos, deixa-me, estás perdoada; hás-de ser sempre uma criança! Se soubesses como me fizeste sofrer!

«Para que te não tornes a rir, vou-te contar a história daquelas pobres pontas doiradas.

«Lembras-te daquele rapaz, que há cinco anos nos apresentaram em casa das Lacerdas, no dia do casamento da Lúcia?

«Lembras-te, não é assim? Pois bem; esse

homem foi o primeiro amor da minha vida!

«Como sabes, foi o meu tutor que me fez o casamento que eu, uma, criança, accitei, despreocupada.

«Um ano depois o meu marido fugiu com uma russa, levando-me o dinheiro e prevenindo-me de que não voltava mais e que eu era livre como elle.

«Fiquei só. Passado tempo voltei a frequentar a sociedade. Foi então que conheci o que, ironicamente, podia chamar um homem fatal!

«Era feio, mas insinuante, e a sua bela cabeça de artista, os seus olhos profundos, a sua alma elevada e nobre, conquistaram-me, e, seis meses mais tarde, fumou elle o primeiro cigarro aqui neste quarto, junto de mim.

«Depois dêsse, muitos mais, morreram esmagados naqueles lábios que eu adorei e onde eu bebia a vida!

«Pequei, bezi sei, mas era tão grande e tão puro o meu amor, que Deus decerto me perdoou.

«Fui feliz, imensamente feliz, a pesar do desgosto que tinha de não ser a sua mulher-sinha, como elle me chamava.

«Dias, meses, um ano, outro se passou. E nessa altura estavas tu na Noruega.

«Por brincadeira, guardava às vezes as pontas dos seus cigarros. Tinham-lhe pertencido, queria-lhes bem.

«Mas um dia, foi com uns amigos dar um passeio a cavallo; não sei como, café, e... nunca mais nenhum pedacito de papel doirado brilhou na sua boca!

«Desde esse dia, tudo morreu para mim! Quando as saudades me torturam mais, vou viajar, mas até hoje, não encontrei o esquecimento.

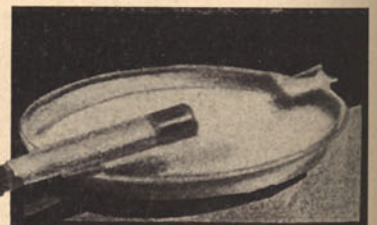
«Doiradas ainda, mas secas, mortas, as pobres pontas de cigarro encerram o meu segredo.

«Viveram na minha intimidade, beijaram os lábios que eu beijei, e hoje, quando as olho, parece-me que é qualquer coisa do passado que volta de novo, que em cada uma ficou um pouco da sua alma; e é por isso que lhes quero tanto!

«Miseras pontas doiradas! Não vos trocava por todo o ouro do mundo!

«Pobres pontas de cigarro! Pedacos da minha alma, pedacos da minha vida!...

IGNEZ.



VIDA SCIENTIFICA

UMA APLICAÇÃO DO HÉLIO

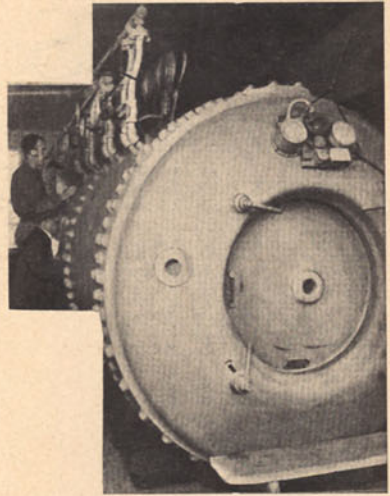
Sabe-se hoje que o ar atmosférico não contém unicamente azoto, oxigénio, ácido carbónico e vapor de água. Na sua composição entram também, em pequena quantidade, outros gases, e ao número deles pertence o hélio. Para este não é facil encontrar aplicações industriais porque, embora se conheçam as suas propriedades, a industria que o applicasse só poderia dispor de pequenas porções. O hélio que actualmente pos-

zir paralysias, mudez, síncope e mesmo mortes repentinas.

O mecanismo destes accidentes comprehende-se bem: Sob forte pressão atmosférica, os gases que compõem o ar dissolvem-se no sangue e nos tecidos em maior quantidade do que normalmente. Volta-se à pressão atmosférica habitual; então esses gases libertam-se, dando origem às perturbações enunciadas.

A regra a seguir é, portanto, esta: decompressão lenta, para que os gases se vão libertando pouco a pouco e eliminando, e tanto mais lenta quanto mais forte for a pressão a que o mergulhador esteve sujeito. Um bom mergulhador pode descer 60 metros ou mais em dois a três minutos; mas serão precisas mais de duas horas para o trazer de novo à superfície sem risco de accidente. A regra indicada pelo Almirantado Britânico é de subir por degraus de nove metros, levando um minuto de estacão a estacão, mas parando algum tempo em cada uma delas e executando movimentos com os braços e as pernas para activar a circulação e auxiliar a eliminação dos gases.

O estudo deste assunto deu a conhecer que as embolias gasosas não eram devidas a todos os componentes do ar, mas apenas a um deles, o azoto. Efectivamente o oxigénio e o ácido carbónico ficam dissolvidos nos líquidos do organismo e eliminam-se rapidamente com os movimentos respiratórios. Não assim o azoto, que é muito solúvel nas gorduras e delas só lentamente se liberta.



Câmara de compressão contendo oxigénio e hélio, para tratamento dos mergulhadores que tiveram accidentes devidos à decompressão

A crepitação muscular e as bossas devem-se ao azoto que se tinha dissolvido nas gorduras. Por isso os mergulhadores gordos são mais sujeitos a accidentes que os magros.

Comprende-se então por que motivo se tentou substituir o azoto pelo hélio, tanto para a atmosfera dos escafandros, como para a de câmara de ar comprimido em que se tratam os mergulhadores com accidentes devidos à decompressão. Experimentou-se primeiramente com animais de laboratório, depois com homens. E recentemente, nas tentativas para trazer à superfície o sub-marino americano S. 51, já alguns mergulhadores respiraram, nos seus escafandros, um ar em que o hélio substitua o azoto.

F. MIRA.

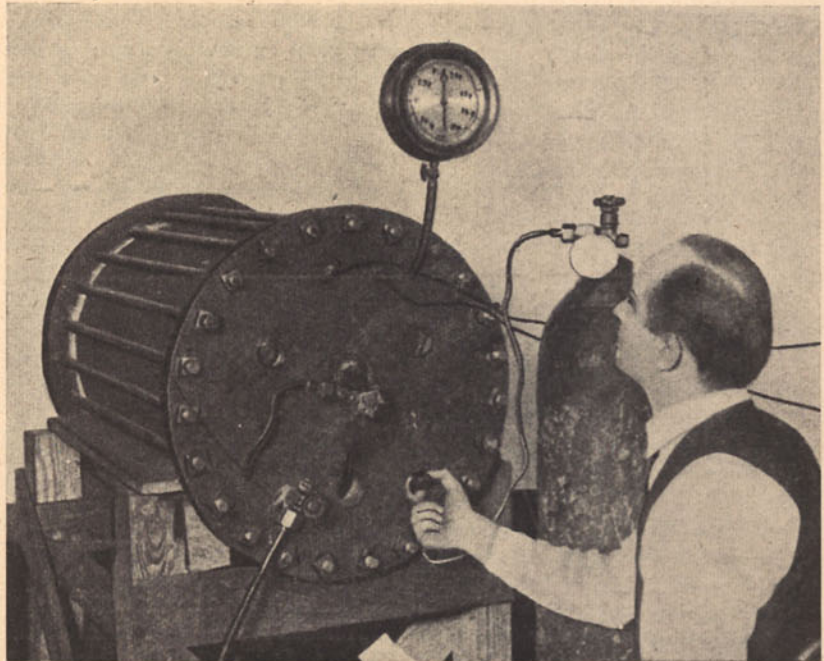


O interior da câmara de compressão

suínos foi em parte, tirado do ar depois de reduzido este ao estado liquido, em parte recolhido em certos poços de petróleo, dos quais constitui emanação.

Apesar da sua relativa raridade, o hélio foi lembrado para encher os balões dirigíveis, visto que é um gás leve e não inflamavel. Outra propriedade sua, a da fraquíssima solubilidade na água, deu lugar a que o utilizassem recentemente para constituir, com o oxigénio e o ácido carbónico, uma atmosfera especial destinada aos mergulhadores. Nestes casos o hélio substitui o azoto.

Os mergulhadores trabalham em atmosferas de ar comprimido, munidos dos seus escafandros, a profundidades que vão até 100 metros ou mesmo mais. Não ha, em geral, accidentes, quando estão sujeitos a essa pressão atmosférica; o perigo vem com a decompressão, isto é, quando voltam a respirar o ar normal. Aparecem então zumbidos de ouvidos, vertigens, surdez, crepitação nos musculos, bossas em várias regiões do corpo, particularmente os joelhos, os cotovelos ou o rosto, acompanhadas de prurido e varias dores. Essa crepitação e essas bossas são formadas por gases que saem dos tecidos, quando cessa a excessiva compressão da atmosfera. E como essas bolha de gás saem também para o sangue, e este caminha por todo o corpo, as mesmas bolhas podem formar rollhas, a que chamam embolias, nos vasos de menor calibre, e produ-



Aparelho em que animais de laboratório respiram uma mistura de oxigénio e hélio à pressão de dez atmosferas

MORS -

DE ANRIQUE

Acaba de aparecer, nas montras das Livrarias, um livro de Poesia, (não direi de versos) cuja leitura concluída, agora mesmo, me deixou perfeitamente deslumbrado! Refiro-me ao *Mors-Amor*, de Anrique Paço d'Arcos, a segunda obra d'este Poeta de vinte e dois anos, que já fez ouvir os seus cantos nas regiões mais altas e profundas do sentimento e do pensamento lusitano. Sinto-me deslumbrado; e, ao traçar estas linhas, a correr, não sei como exprimir a minha admiração e o meu contentamento, porque é uma grande alegria ouvir uma voz inédita da Alma, na língua portuguesa! Uma grande alegria e um grande espanto. Trata-se dum raro milagre, em que o génio saudoso da nossa Raça, encontra um novo intérprete divino, parente de Camões, Frei Agostinho da Cruz, Antero de Quental e poncos mais. Vê-se que é imortal o espírito inconfundível da nossa Elegia transcendente, que é talvez a fase mais bela do Lirismo dos povos europeus, quer dizer, do mundo. Esta verdade, essa maior glória da nossa Pátria, é ignorada, não de certos críticos estrangeiros, mas dos nacionais e dos nossos professores de Literatura.

Para êles, há só a escola italiana, a franceza, a espanhola, etc. Não perceberam ainda o que existe de original nas nossas Letras e principalmente na Poesia lírica, que é sempre a expressão moral mais alta duma Raça, o que dela sobrevive, como, em Virgílio, o império romano e, como em Luís de Camões, há de sobreviver a nossa Pátria!

A nossa Poesia, no seu aspecto elegíaco ou saudoso, é absolutamente original. Marca a fisionomia espiritual do nosso Povo; e, nela, se contém, difusa ainda, em formas emotivas, uma concepção filosófica e mesmo religiosa da Vida e do Universo.

Esta verdade ressaltada da obra lírica de Camões, Agostinho e de alguns poetas da idade moderna; e, neste momento e dum modo extraordinário, do *Mors-Amor*, de Anrique Paço d'Arcos. Poucas vezes, a inspiração lusitana atingiu tão maravilhosas alturas! O seu primeiro livro, *Divina Tristeza* foi a surpreendente revelação dum grande Poeta; mas, neste livro, há ainda mais profundidade e altura, na expressão e no sentimento. Profundidade e altura, pois êste Poeta não é apenas emotivo, alcança também a forma intelectual do sentimento. As lágrimas,



Retrato do poeta
por José Luís Brandão de Carvalho

mas, nos seus olhos, iluminam-se duma luz que vê, como nestes versos da *Divina Tristeza*:

*Saudade, vago espelho onde as imagens
Têm vida para além da realidade.*

Um poeta é verdadeiramente grande, quando a dor sentida, de tão sentida, se converte em pensamento, como em Camões, Frei Agostinho e Antero, três deuses da Lusitânia.

No *Mors-Amor* há versos e versos sublimes, que nos deixam deslumbrados; versos que traduzem o inefável, o incoercível, o mistério das cousas e das almas; versos reveladores e criadores; versos que o vulgo não entende e são o estigma sagrado, o signal divino dos verdadeiros eleitos, da Poesia; versos, como êstes, tão frequentes, duma frequência tão espantosa, neste Poeta de vinte e dois anos!

*Sou um rio de lágrimas correndo,
Desde a origem dos mundos, para além,
Tendo, diante de mim, a Eternidade
E a mesma Eternidade, atrás de mim,
E arrastando ao sabor das minhas águas
As imagens de tudo quanto existe...*

*Ó vultos, para sempre, retratados
N'este rio de lágrimas, correndo
Ao negro mar sem fim! Ah, quando eu passo
Por vós, e êstes meus olhos cheios de água
Vos contemplam e envolvem na penumbra
Da sua luz maguada e anoiçada...*

*Acaso não sentis a vossa imagem
Desprender-se de vós, como á tardinha,*

- AMOR

PAÇO D'ARCOS

*A nossa própria sombra se desprende
E se funde nas brumas do crepúsculo?*

*Aquela pobre rosa, além caída,
que será para mim, quando eu a recordar?*

*Acorda, em mim, não sei que estranha voz
que em meus olhos é lágrima também...*

*E o mundo encantamento em que me esqueço,
Vendo a lua surgir de estranha palidês!*

*Ó fontes soluçando occultas maguas,
A dorida canção das vossa aguas,
Acorda, dentro em mim, vezes que desco-
nheço!*

*E a hora dolorida em que se reza,
Em que as almas e as coisas são iguais.*

*Ai da minh'alma aos ventos despreendida,
Errando ao luar da morte, não sei onde,
Nas paragens talvez duma outra vida!*

*Abriu-se o mundo ao meu olhar e vi
que o mundo era sómente coração.*

*Já nos meus olhos místicos fulgura
O brando luar que, ao longe, se adivinha.*

Deusa das minhas lágrimas nascida...

*Por ti, se eleva a Deus a creatura,
Por ti, meu coração é luz de estrela.*

Impossível transcrever todo o volume, que é um cântico extraordinário à dor, ao amor, à aldeia da sua infância, perto da serra de Sintra, ao mar, à tristeza sebastianista dos *Lusiadas* e a tudo o que existe de intimidade maguada na evocação do passado e da paisagem.

É isto e mais ainda. Já vê o leitor inteligente que o não iludi; e que encontrará, n'este livro, um motivo de imensa alegria para o seu coração de homem e de português, ansioso de verdade e de beleza, ao vêr que aparece, n'este mundo, uma nova Alma criadora de verdade e de beleza, e que essa Alma pertence á nossa raça e fala a nossa lingua.

TEIXEIRA DE PASCOAS.

FIGURAS EXCÊNTRICAS DA NOSSA TERRA

O FILÓSOFO DE SÃO DOMINGOS DE RANA

GUALTÉRIO ULFILAS JUAN ARWED BROMER Y BUHLER
SENHOR DE METTENHOFF E ARMEDSBURG, ETC., ETC., ETC..

A fama daquele homem chegara até nós. Ele habitava longe, num lugarsinho ali para os lados de Carcavelos, no alto de São Domingos de Rana.

Que era um santo, diziam uns; que era um doido, afirmavam outros, com um sorriso de desdém; que não passava de um excêntrico, asseveravam os que desejavam um pouco de equilíbrio às suas opiniões.

Bordavam-se comentários acerca das suas atitudes e das suas palavras. E das versões contraditórias que de uns e outros escutávamos, recolhemos a vaga impressão de que esse ente estranho, que vivia isolado no alto de São Domingos, seria talvez um filósofo, à maneira antiga, apedrejado pelos garotos, incompreendido pelos homens, insultado pelas mulheres.

Visionávamo-lo deambulando pelos campos, barba hirsuta, cabeleira ao vento, inspirando-se na contemplação do mar e procurando ensinamentos profundos na observação das cousas simples: — as aves de vôo sinuoso, as plantas verdes e tenras, o vento impetuoso e ameaçador.

As vezes ouvíamos dizer:

—O maluco de São Domingos foi ontem apedrejado.

E ficávamos pensando no martírio desse homem que decerto não modificava a sua maneira original de viver, ante a animadversão do povo que lhe atirava como a cão vadio.

Outras vezes ouvíamos contar:

—O doido de São Domingos andava com uma bebedeira que nem podia ter-se de pé.

Coitado, pensávamos nós, quem sabe das razões que o levam a procurar no álcool o bom acolhimento que não encontra nos homens.

Uma tarde, tiramo-nos dos nossos cuidados e palmilhámos a estrada íngreme que conduz a São Domingos de Rana. Era um domingo soalheiro, de branda temperatura. No horizonte muito azul vogavam enfoladas como velas de naus algumas nuvens brancas. Nos campos verdes sorriam os malmequeres.

Inquirimos, ao chegar à povoação, da morada do filósofo.

—O doutor maluco?!—fez um garoto, admirado de nos ver em busca de um homem que, por ali, ninguém tomava a sério.

—Exactamente, é com o doido que desejamos falar—respondemos.

O garoto guiou-nos. Voltámos a descer um



Gualtério Ulfilas, etc., etc., filósofo e pretendente ao trôno

(Foto «Ilustração»)

pedaço da estrada, deixando à direita a igreja de São Domingos, alta, bem proporcionada, que domina todos aqueles logarejos circunvizinhos que se veem alvejar em baixo e em torno, entre verduras. Junto de uns casebres baixos, arruinados, circundados por um muro coberto de musgo, o nosso guia deteve-se e, apontando para uma porta desconjuntada, mal segura por arames ferrugentos, disse-nos:

—É ali.

Batemos à porta. Ninguém nos respondeu. Tornámos a bater. O mesmo silêncio.

—É melhor entrar, que êle não se importa—disse o rapaz.

Através daquele informe prestado ingenuamente pela criança, verificámos quanto o filósofo era alheio às cousas do mundo. Não se importava que lhe entrassem em casa. Desprendemos os arames, e a porta cedeu facilmente. Encontramo-nos num quintal onde uma pequena seara e algumas figueiras medravam à vontade. Protegido por uma latada, estava o casebre. Batemos à porta da

Dom Niephila I K
Portugal,
Rei da 5ª dinastia de
Portugal

Um autógrafo de Gualtério em que se coloca como rei da 5.ª dinastia de Portugal

habitação. Respondeu-nos o mesmo silêncio. O filósofo não estava em casa.

Mas a curiosidade, que é mais forte do que a boa educação, levou-nos a praticar um abuso condenável. Como a porta da casa de habitação estava fechada pelo mesmo processo de arames da porta do quintal verdejante, abrimo-la e espreitámos.

Era um compartimento escuro e tão desarrumado que dir-se-ia que por êle houvera passado um ciclone. O pavimento completamente coberto de livros e jornais amarrotados, de mistura com caixotes e latas de conserva várias, as paredes negras e nuas, um arremêdo de banco, e vagamente, na sombra, um monte mais fofo de papelada onde o morador se deitava, era todo o mobiliário daquela casa que só podia, realmente, ser habitada por um doido... ou por um filósofo que é o animal mais parecido com um doido.

Tornamos a fechar a porta e só então notamos pregada na madeira uma chapa que em tempos devia ter sido dourada, com os seguintes dizeres:

DR. G. U. A. BROMER

Já não demos por mal empregado o nosso tempo. Sabíamos que o apelido desse homem famoso era Bromer.

Continuando a abusar da propriedade alheia, demos uma volta pelo quintal, aspirando o perfume acre das plantas que cresciam pujantes e contemplámos o amplo panorama que de lá se abarca.

O Tejo corria manso e azul até ao oceano infinito, incomensurável. Sobre uma língua de areia dourada erguia-se a torre do Bugio e lá, mais longe, o areal da Costa de Caparica estendia-se até perder-se na neblina azul do cabo do Espichel.

Era um panorama inspirador. Um homem inteligente, de apurada sensibilidade, que todos os dias o contemple, não pode deixar de ser um filósofo.

E meditando no delicioso passeio daquele dia primaveril, tomámos, já o crepúsculo envolvia os seres e as cousas no seu translúcido manto violeta, o caminho de Carcavelos.

Foi ali, na casa Nutrícia, onde o filósofo costuma alimentar-se de bom vinho da região, que o acaso nos fez encontrar.

E verificámos então que a fantasia é, por vezes, tão traiçoeira como as mais vis realidades. Bromer não era nada do que havíamos

fantasiado: nem barba hirsuta, nem cabeleira ao vento. Não é um tipo vulgar. Possui uma cabeçinha pequena de microcéfalo e uns olhinhos miudinhos, de estranha mobilidade; usa rapada a face magra e uma indumentária complicada, pobre, quasi andrajosa, que uma gabardine velha tenta cobrir muito mal. Nas algibeiras interiores do casaco e da gabardine traz tantos embrulhos, tantos papéis, tanta bugiganga que o tornam mais gordo e volumoso.

Quando fala, o sr. Bromer denuncia por um breve sotaque a sua origem estrangeira. Mas suas frases são gramaticalmente correctas e as suas expressões não deixam de possuir, por vezes, bastante brilho literário.

Recebeu-nos com uma certa reserva que só a presença de uma garrafa de vinho de Carcavelos dissipou.

Sorvidos alguns goles, resolveu-se a dizer-nos todo o seu nome que é extenso e complicado:

GUALTÉRIO ÚLFILAS JUAN ARWED BROMER
Y BÜHLER

Senhor de Mettenhoff e Arnedburg, etc., etc., etc.

Simplesmente isto, leitores, e não é pouco. Quando surgiu na mesa a segunda garrafa de vinho de Carcavelos, Bromer entrou em confidências.

Ele é, por muito que peze a quem pensar o contrário, rei de Portugal. É rei pelas seguintes razões, que elle próprio enumerou num papel que temos aqui na nossa frente, cheio de nódoas de vinho:

1.º — Porque se proclamou, conforme consta do cadastro policial.

2.º — Porque esteve internado em Rilhafoles e lá encontrou muitos reis e imperadores.

3.º — Porque em Rilhafoles não o consideraram alienado mental.

4.º — Porque nenhum Bragança fugitivo, nem nenhum Nuno, legitimista, pode mais tornar a pôr o pé no país.

Este rei que não tem sceptro, nem corôa, nem palácio, toma entretanto, quando se lembra da sua posição social, atitudes régias, tratando-nos por tu e batendo-nos no ombro palmadinhas protectoras. E foi ainda num tom de superioridade que elle nos disse:

— Falo vinte línguas.

E enumerou-as. Entre outras: português, espanhol, inglês, alemão, italiano, russo. E para demonstrar praticamente o que affirmára, dirigiu-se-nos em francês:

— *Eh bien, mon cher, prenez bonne note*
Tomámos boa nota.

— Escrevi, ou melhor, traduzi — foi elle di-

zendo em bom francês que vamos traduzindo — *O Detractor de um povo*, romance histórico do célebre escritor Hans Eschelbach; *Cursos didáticos por correspondência*, original meu; traduzi um conto inédito de Leon Tolstoï, *Warenka*; escrevi *A rã real e o fêrreo Antolin*; uma gramática francesa, outra latina e outra russa.

Bromer não nos mentia. Realmente tinha escrito tudo o que nos ennumerára e mais al-

Comerciais por correspondência que, há anos, tiveram em Lisboa a sua aura.

Presentemente, o álcool, a miséria, transformaram o seu espirito original, porventura excêntrico, mas equilibrado, num maníaco cujo aspecto confrange.

Agora tem a mania de formar a 4.ª Internacional para se opôr às três bolchevistas e socialistas. Julga, principalmente, se o álcool o impele para as concepções extraordinárias,



O senhor de Mettenhoff e Arnedburg com o humilde plebeu que escreveu este artigo

(Foto Illustrações)

guma cousa. No tempo em que produzia as obras de grande erudição que citámos ainda não descera à situação difficil em que se encontra presentemente.

Este homem, que ainda tem nas suas conversas lampejos de talento, é, no entender do articulista, um belo espirito, uma grande sensibilidade que qualquer grande desgosto transtornou. Transtôrno momentâneo? Talvez. Se houvesse quem lhe assistisse, Bromer é possível que recuperasse as suas antigas faculdades de trabalho, aquelas faculdades que fizeram d'ele o fundador das Escolas

poder com o seu génio governar o mundo, por intermédio de uma organização formidável, cujo segredo elle, só elle, unicamente elle, detém.

O filósofo de São Domingos de Rana que o populacho apupa, é credor da nossa simpatia. E se agora a sua figura original se presta a bordar em prosa uma ou outra ironia, não queremos, contudo, deixar de afirmar que temos esperança de vê-lo um dia na posse plena das suas faculdades, que são muitas e aproveitáveis.

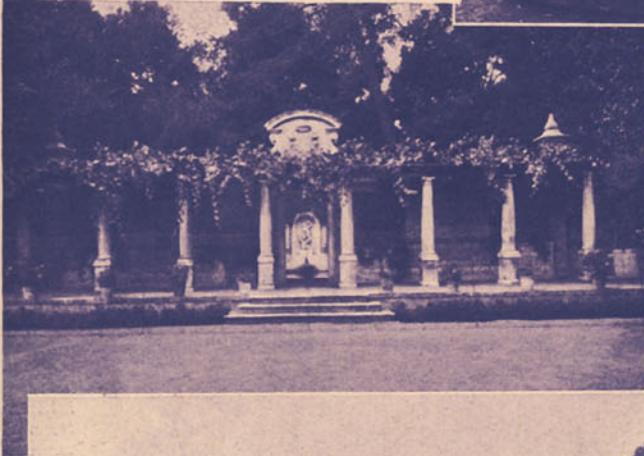
MÁRIO DOMINGUES.

A CASA PORTUGUESA

PALACIO DAS LARANJEIRAS LISBOA

PROPRIEDADE DOS SRS. CONDES DE BURNAY

COMPLETANDO AS REPRODUÇÕES QUE DESTA RESIDÊNCIA PUBLICAMOS NOS N.º 55 E 56 DA «ILUSTRAÇÃO», APRESENTAMOS HOJE ALGUNS DOS MAIS INTERESSANTES ASPECTOS DESTA QUINTA DA QUAL GRANDE PARTE FOI HÁ ANOS DESANEXADA E MAIS TARDE VENDIDA PARA INSTALAÇÃO DO JARDIM ZOOLOGICO



O JARDIM DE ESTILO, NA SUA CLARA SIMETRIA, SEUS CANTEIROS E RUAS IRRADIANDO DO LAGO CENTRAL, COM SEUS VASOS DE MÁRMORE E FIGURAS DE BUXO, ESPRAIA-SE COM GRANDEZA À FRENTE DO PALÁCIO E É GUARDADO AO FUNDO POR ESPLÊNDIDO MACIÇO DE PLÁTANOS E ULMEIROS — SECULARES ALGUNS, CUJO ASPECTO FRONDOSO MUITO É DE ADMIRAR NESTA CIDADE INIMIGA DAS VELHAS ÁRVORES

ULTIMAMENTE FOI ESTA QUINTA ENRIQUECIDA COM VÁRIAS OBRAS DE BOM GOSTO DE ENTRE AS QUAIS REPRODUZIMOS AQUI A «CASA DO FRESCO», FORRADA DE AZULEJOS ANTIGOS, UMA EXTENSA LATADA SOBRE COLUNAS E A MAGNÍFICA PISCINA QUE NA SUA GRANDEZA, E NO ENCANTO DA SUA DECORAÇÃO, LEMBRA AS OBRAS DOS ROMANOS

CINEMATO

CAPAS

Comédia, o grande jornal parisiense, dizia há pouco :

«No Porto, o sr. Genaro Dini filma as últimas scenas exteriores de *Justiça*. E é com o concurso de todos os nossos camaradas da Imprensa portuguesa e dos estudantes portugueses que grandes scenas se realizaram sob um sol brilhante, que permitiu ao excelente operador Asselin impressionar na pellicula admiráveis paisagens. Regina Bouet, a vedeta do filme, ao lado da qual Jorge Infante interpreta o principal papel masculino, está encantada com a sua permanência em Portugal.»

Os títulos dos filmes, desde o projecto de realização até à exhibição na tela, costumam variar por mais duma vez. Justiça ter-se-ia



A ESQUERDA: — Jorge Infante e M.^{lle} Duplessis, numa das mais curiosas scenas do filme



A DIREITA: — O actor belga Charley Sov, numa scena com a figuração de autênticos estudantes de Coimbra



intitulado, entre nós, Capas negras. O protagonista é um escolar coimbrão; os estudantes têm parte activa no desenvolver do drama.

Qual o argumento? Apenas lhe conhecemos as linhas gerais, muito vagas. Decorre a acção entre 1810 e 1820, na época de D. Maria I e de D. João VI. O estudante António Manuel (o actor chileno

A ESQUERDA: — Charley Sov e o actor português Luís Leitão no filme *Capas Negras*

GRAFIA

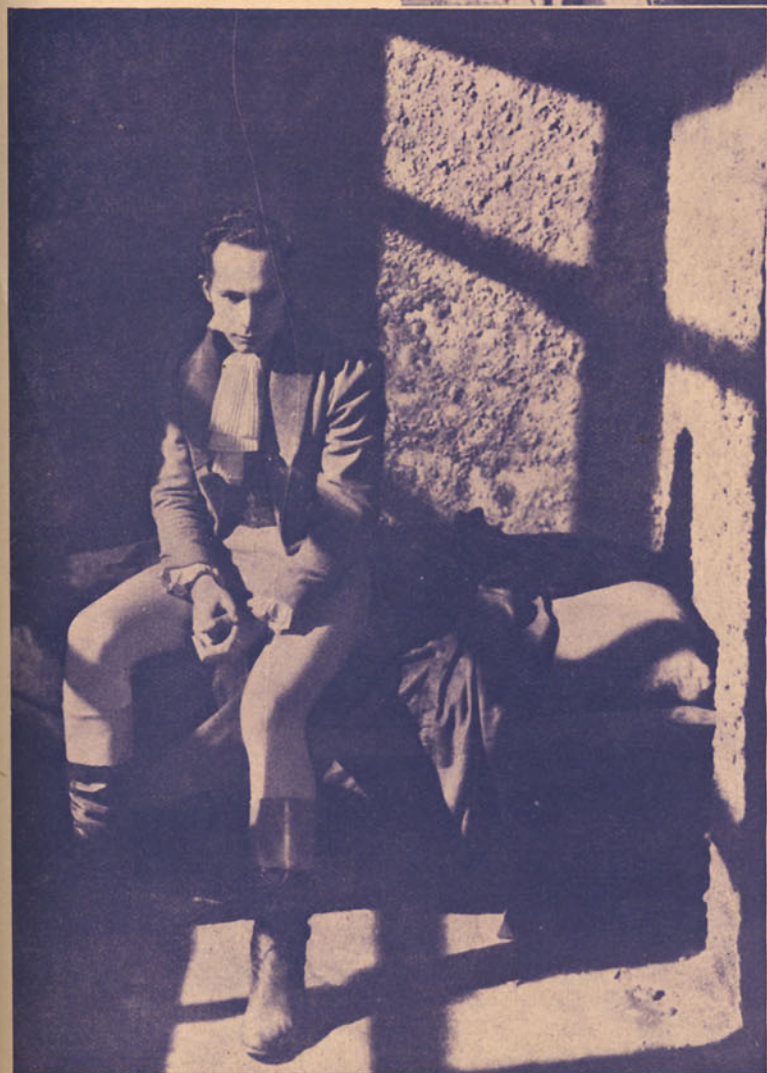
NEGRAS

no Jorge Infante), apaixonou-se por uma menina da aristocracia (a amadora Maria de Zafra), e cujos pais pretendem que ela case com um intendente de polícia (Genaro Dini), que persegue o rival, sob o pretexto de que professa ideias revolucionárias e conspira. Conseguindo lançar-lhe a mão, mete-o, como prisioneiro, num forte. A fidalguinha amava devêras o estudante. Para refrear esse amor, fazem-lhe crer que António Manuel morreu; ela, porém, não resiste ao golpe da notícia falsa e sucumbe de desgosto.

Os escolares, reagindo contra a prisão do seu camarada, assaltam a fortaleza, onde encarceraram o intendente no mesmo calabouço em que estivera detido António Ma-



NO MEDALHÃO:
— As duas formosuras do filme: Regina Bonet e M.^l Duplessis



EM BAIXO, à esquerda:
— Uma bela atitude de Jorge Infante no galã

nuel, a quem libertam. Depois, lançam fogo ao castelo e o intendente morre asfixiado.

E o estudante? Como não esteja seguro da sua liberdade, vai refugiar-se em casa de um lavrador (Charley Sov), o qual tem uma filha, Rita (Regina Bonet), por quem o jóvém se apaixonou. E o casamento dos dois é o desfecho do idílio...

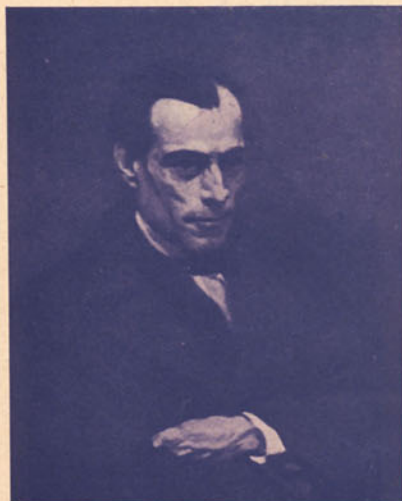
Várias notas merecedoras de registo: a película custa algumas centenas de contos; a fortaleza em que se passa uma parte do drama é o Castelo do Queijo, perto da Foz; Genaro Dini é um antigo diplomata e Asselin tem sido um dos operadores de um dos filmes de Joana d'Arc.

Entra uma artista portuguesa na nova fita. Quem é? Eis o que constitui um interessante enigma. A Imprensa da especialidade noticiou que tem por nome, ou pseudónimo, Maria de Zafra. Supomos poder assegurar que se trata de uma distinta amadora, a quem coube o papel de fidalguinha na distribuição. E, de facto, se procede da alta burguezia pelo seu nascimento, pertence à aristocracia peninsular pelo seu consórcio.

Comédia, voltando a ocupar-se da película, refere:

«No decurso das últimas tomada de vistas, os estudantes da Universidade de Coimbra prestaram-se, com uma grande amabilidade, à interpretação de cenas de conjunto e alguns de entre eles mostraram, com uma perfeita naturalidade, reais disposições para a tela. Em particular, timbraram em dizer a Regina Bonet como é grande, naquele país amigo, a simpatia que nutrem pela França.»

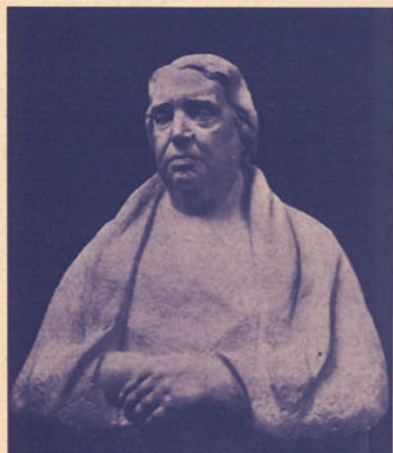
Sabido como tem sido poucas e más as fitas de ambiente português realizadas por estrangeiros, estamos ansiosos por ver *Capas negras*. E a propósito: sendo português o capital desta empresa, porque não realizou este filme em português?



COLUMBANO — Retrato de Teixeira de Pascoais

Muito se tem dito sobre a Exposição deste ano na Sociedade Nacional de Belas Artes e o seu valor.

Muito se tem dito e muito se tem errado. A exposição não é fraca como insinuam, mais fraca que as anteriores. A exposição deste ano marca mesmo um acontecimento valioso pelo seu significado; pela primeira vez os consagrados, os incontestáveis mestres da nossa pintura contemporânea, vieram ao *Salon* não só lado a lado uns com



ANTÓNIO DA COSTA — A mãe do artista

outros mas também a par dos representantes de correntes mais modernistas, aqueles que pediam sempre a mercê dum Salão de Outono que lhes permitisse a exibição dos seus trabalhos ou recorriam a exposições individuais que nem sempre fornecem ao crítico amplamente os elementos para juízo, visto que falta a competição. Esta latitude de critério do júri e da Sociedade Nacional de Belas Artes, só honra a ambos. Efectivamente devem, os jurís e as direcções da Casa dos Artistas investigar apenas do que é bom e do que é mau, sem outras preocupações de directiva ou opinião artística. E o belo resultado da largueza de vistas deste ano nota-se neste facto consolador: Os belos

A EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES



HENRIQUE TAVARES — Manhã de neve

encantados do conhecedor vão do grande Columbano até António Soares, de Malhoa a Tavares, êsse curioso impressionista, pas-



VARELA ALDEMIRA — Retrato de Mário Reis

sando pela diversidade de talentos de Varela Aldemira, pintor em plena florescência de recursos, Ortigão Burnay, Fernando Santos, o grande escultor António da Costa, etc.

E em todos os que são bons, o público e os amadores topam com o mesmo encanto, gosam o mesmo enlevo. Houve, é certo, demasiada benevolência mas que, mesmo assim, foi simpática e de louvar neste período de transição artística, neste período em que a arte grita que quer ser mais alguma coisa do que frio amontoado de decoração de museus. Na nossa página arquivamos com júbilo alguns belos quadros da exposição deste ano nas Belas Artes.

AMÂNCIO CABRAL.



VARELA ALDEMIRA — Alcariz (Espanha)

F E M I N I N A



NO OVAL, em cima: Formosíssimo chapéu primaveril de grande originalidade, modelo de Hélène Corbertt

(Foto H. Manuel — Paris.)

EM BAIXO:—Vestido em crêpe negro e estampado de fantasia em preto e branco, modelo de Phillippe et Gaston

(Foto G. L. Manuel Frères — Paris.)

NO OVAL, em baixo:—Vestido de soirée em em crêpe da China negro e tule negro bordado a contas brancas em desenho de deliciosa fantasia

(Foto G. L. Manuel Frères — Paris.)



EM BAIXO:—Original modelo de casaco de abalo ligeiro em tecido de fantasia beige, criação de Cotyl

(Foto H. Manuel — Paris.)



NO MEDALHÃO:—Um chapéu de Cora Marson, deliciosa reminiscência do airoso tricorne

(Foto de G. L. Manuel Frères — Paris.)

A DIREITA:—Um toucado de noiva de requintada elegância que foi apresentado em Paris pela casa Berthe Rambourg

(Foto H. Manuel — Paris.)



O QUE PENSA DOS PORTUGUESES?

“SEAVON“, O NOSSO COLEGA DESTACADO EM MADRID,
ENTREVISTA AS “GUAPAS“ ARTISTAS DA COMPANHIA VELASCO



O QUE PENSA DOS PORTUGUESES?...

TINA DE JARQUE — Minha avó era portuguesa. Gosto muito deles e eles muito... de mim.

Nunca os políticos peninsulares foram tão impolíticos como nas negociações para fomentar o bom entendimento hispano-português. Houve sempre um excessivo cuidado de encarar as questões em si, com um desconhecimento absoluto das tendências afectivas dos dois povos por intercâmbio de sexos.

Se aí nos tivessem mandado uma comissão de espanholas, escolhidas e nomeadas pelo correspondente de *A Ilustração* em Madrid, bem munidas de encantos persuasivos e perfeitamente capacitadas dos problemas que mais nos interessam, aquilo que há dezenas de anos os homens não resolveram entre si,

teriam os homens portugueses solucionado ao primeiro encontro com as mulheres espanholas. As negociações políticas ou intercâmbios diplomáticos dum só sexo ganham em protocolo o que perdem em sinceridade. A época vai, acentuemos, de corrente de aproximação hispano-lusa, e, para se saber a opinião da Espanha sobre nós, é preciso cavar mais fundo, chegar àquilo que para nós, portugueses, é a força mais representativa da Espanha: as suas mulheres.

Foi este o critério que me levou aos camarins do Circo Price, onde actualmente se exhibe a Companhia Velasco, que tantas saudades deixou em Portugal e tantos «recuerdos» trouxe para a Espanha. Mas, oh, decepção! As artistas da Companhia Velasco não viram Portugal, não conhecem Portugal, não sabem nada de Portugal. Não lhes deu tempo. Só sabem dos portugueses, só viram os portugueses, só me falam dos portugueses.

Entre aquela barafunda de entre bastidores em tarde de revista, acochado pelos olhares estonteadores dum cento de diabólicas «muchachas», convencendo lealmente com todo o firme poder da sua suculenta exube-



O QUE PENSA DOS PORTUGUESES?...

MISS DOLLY — Eu, que sou uma espanholíssima inglesa de... Gibraltar, descendendo de portugueses. Trago Portugal no sangue e os lusitanos na alma. Se apanhasse um que eu cá sei!...



O QUE PENSA DOS PORTUGUESES?...

ISABELITA RUIZ.— Não sei, não sei. Mas, se fosse portuguesa, não casava com um... francês. E assim também não.

rância, confesso o meu entorpecimento de menina púdica, a quem a distância enganosa

melhores afirmações e os mais violentos afectos. Elas acompanham os retratos que as lindas e alegres «tiples» e bailarinas de Eulogio Velasco dedicaram à *Ilustração* com os seus melhores sorrisos, os cartazes de publicidade que já vão colando na esquina de Lisboa, a réclamar a sua infinitamente deslumbrante «En plena locura» e... a sua vontade de tornarem a encontrar estes petulantes e atardiços «portuguesinhos valentes»...

Aqui vão, em punhado, as frases correntes, levemente irónicas talvez, da «scultural Tina de Jarque, beleza cos-



O QUE PENSA DOS PORTUGUESES?...

MARIA CABALLÉ.— Oh! Muito líricos, muito sandosistas, muito gentis... Um português a cantar o fado, devia ser tão proibido como a cocaína.

duma plateia humilde tinha sempre vedado as mais belas verdades. Mas o jornalista empunhava naquele momento a bandeira gloriosa da sua Terra, cheia de tradições de conquista, e a Pátria salvou-se sem grandes dificuldades, graças à colaboração amiga de Tomás Borrás, o apreciado novelista espanhol tão conhecido em Lisboa e meu amável introdutor nos camarins de Suas Magestades. Aí fica o meu reconhecimento nacional.

Eis as respostas das seis primeiras artistas da Companhia Velasco, apanhadas rápidas, à flor dos lábios, sem premeditação, espontâneas como as



O QUE PENSA DOS PORTUGUESES?...

M.^{ma} LOU.— Exceptuando os guardas-nocturnos lisboetas que usam um género de embriaguez muito bético... encantadores.

mopolita, Isabelita Ruiz, estrêla da dança, Maria Caballé, a mais castiça de todas as mulheres da Espanha, Anita Lassalle um perfil de retabulo, Lou, a perturbadora, e Dolly, o ídolo do Madrid última moda. Madrid, Abril de 1928.



O QUE PENSA DOS PORTUGUESES?...

ANITA LASSALLE.— Sou tão novinha...

- Melhor.
- Mas... eu não sou novinha...
- Muito melhor.
- Olhe, se quer que lhe diga... pela amostr... acho-os suculentíssimos!...

PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM



AREOSA (VIANA DO CASTELO) — A VIDA ALEGRE DOS CAMPOS

(Foto de Aureliano Carneiro)

PINTORES DO NORTE

UMA HORA EM CASA DE JOAQUIM LOPES

O «ATELIER»

Vou encontrar Joaquim Lopes no seu altar. No altar dos seus quadros. Ao cimo dum pequeno calvário de escadas, espera-me Joaquim Lopes com um sorriso de boas-vindas. Com um sorriso franco, muito sincero, que me informa, muito lealmente, que não tenho razão alguma para estar, reccosamente, afastado de quem me recebe.

Aproximo-me do artista com uma frase espontânea. Uma frase sem cálculo, que faço por ajustar ao ambiente. Joaquim Lopes, para que as suas visitas não se fatiguem a supô-lo, a imaginá-lo, costuma apresentar-se completo e traduzido, rodeado das suas obras. Rodeado das suas opiniões, do desdobramento da sua personalidade em obras, em quadros.

Este pintor, que eu conhecia, há muito, de instantes diversos de conversa, aguardava-me na sua saleta de espera, — um grande átrio de arte. Um átrio em que estão expostas as suas telas concluídas. A sala de exposição aonde os seus amigos o encontram, o reconhecem. Joaquim Lopes, no meio dos seus trabalhos, junto de mim, divide-se. Multiplica-se. Cada um dos seus quadros é um novo artista. As paisagens, os retratos, todos os aspectos que estão a olhar-me de dentro dos caixilhos, apresentam-me um pintor diferente... Apresentam-me um Joaquim Lopes desenvolvido em diversos assuntos pictóricos, que, a pesar de tudo, é sempre o mesmo na técnica impressionista com que faz murmurar todos os acordes iluminados.

Vou andando com os meus olhos ante os quadros de Joaquim Lopes e vou ouvindo, do seu autor, as legendas com que os baptizou. Depois de ser apresentado aos dedicados filhos da sua paleta, começo a decorar-lhes os nomes. Alguns, pelo muitíssimo que se parecem a retalhos do nosso regionalismo, não necessitam de rótulo. Revelam, com as suas figuras e com o movimento, o que são, como se chamam. Em frente do amplo aspecto que é a «Feira», com a significação garrida da sua indumentária e costumes, sinto-me, rapidamente, aproximado ao Minho. Joaquim Lopes trouxe-o para sua casa. A arte sugestiva e dominadora dos seus pinceis realizou o milagre de trazer uma feira minhota para o seu «atelier».

Este pintor, que tem o vício de espalhar nas suas telas harmonias solares, viaja, frequentemente, para desencantar novas sendas ao Sol. Joaquim Lopes anda tão perto do sol que lhe conhece todos os geitos luminosos. Sua retina é apaixonada dêsse astro que

é a condecoração do céu. Mostra-me, com um olhar profundo, amparado nas suas mãos, o seu último furto... Um furto que o artista fez à Natureza, na Figueira da Foz. De braços abertos, segurando uma paisagem tocada de côres frescas, aromáticas, Joaquim Lopes é um soldado-artista. Um heroico soldado, mostrando-me, religiosamente, um belo tro-



O pintor Joaquim Lopes

feu da sua interminável conquista dos ruidos coloridos das paisagens.

Antes de entrar, definitivamente, no «atelier» de Joaquim Lopes, antes de passar ao gabinete aonde o artista escreve os seus versos e os seus dramas picturais, sinto-me surpreendido. Ao descer um olhar sobre o retrato do escultor António de Azevedo, que Joaquim Lopes realizou com o máximo de vida e de arte, — eu julgo que este moderno e grande artista tem estado, ali, a ouvir-nos, que é êle próprio.

No «atelier» dêsse pintor encontro uma aproximação múltiplice da sua individualidade. Joaquim Lopes, no seu refúgio de criações de beleza, é um Joaquim Lopes transparente... Com as suas intimidades... à vista. Certa conclusão a que cheguei quando lhe fui apresentado no «atelier» de D. Fuas, outro notável artista moderno, surge-me, agora, desenvolvida. O espírito de Joaquim

Lopes afirma-se, no seu «atelier», no máximo do equilíbrio. Está denunciado no à vontade dos móveis, na disposição de estatuetas, na variedade de esboços, espalhados aqui e ali. É muito fácil provar-se a sua maneira descuidada de artista que possui a proporção metódica. Não vejo um só aspecto boémio, dessa boémia com pó e sem instinto. Todos os objectos formam uma numerosa família que se sente muito bem nos seus lugares. Um busto de Brutus olha-me dum lado. Sobre uma poltrona, numa habilidade de frizo, uma estante com obras didáticas e críticas de arte. No fundo, junto a uma porta por onde entrei, um fogão mudo... Um fogão que já não diz... inverno. Sobre um cavalete a última obra de Joaquim Lopes. Uma obra ainda a surgir, a aparecer. Já se vê, no primeiro plano, o impressionismo completo das figuras. São dois grupos de namorados com olhares explicativos. A paisagem nasce e estende-se, ao fundo, como um tapete ilimitado. Pergunto ao pai dêsse quadro, que nome vai dar a êste novo e lindo descendente da sua feição pictural. Responde-me que talvez lhe chame: — «O Domingo». Julgo-o um título feliz. É uma etiqueta que diz a verdade, que diz um domingo a desabrochar noivados...

Chamam os meus olhos outros quadros e outros esboços que estão espalhados pelo chão e pelos cavaletes. O artista desce-os dos seus tronos. Pega neles, com todo o carinho, e coloca-os, para que eu os compreenda totalmente, num limite justo, certo, de luz. Explica-me aonde os realizon e aonde os esboçou. Depois de ter dado um ápice de atenção e adoração a tudo quanto notei, surpreendo sobre uma estante um animado e belo busto de Joaquim Lopes. Foi António de Azevedo, o maior dentre os maiores escultores modernos, quem lho dedicou. É um perfeito Joaquim Lopes, tocado de misticismo. O pintor explica-me que tem uma profunda estima por êsse busto, pelo seu busto. Uma adoração mais elevada que aquela que dedica ao retrato que traçou de António de Azevedo. Compreendo-o... Compreendo esta afirmação sincera. Esta afirmação elogiosa que êle tem para António de Azevedo. No fim de contas, deve ser uma permuta de iguais opiniões, que êstes dois artistas dedicam aos seus trabalhos, na tela e no bronze, com vida artística. Ambos, por conseguinte, são os maiores animadores, duma arte que se encontra e cruza alto, através das suas facetas, à mesma altura dos criadores geniais duma intensa vida na Arte.

PERSONALIDADE EXPLICADA

Foi o impressionismo pictórico que Joaquim Lopes elevou ao máximo, que o tornou um pintor castiço. Um pintor que absorve a música bucólica das nossas paisagens, e a derrama vigorosamente nas infinitas cambiantes dos seus quadros.

Nas obras deste artista estremece a ideologia dramática que anda escondida nas horas vibrantes da Natureza. Ele apreende-a na retina e mistura-a com as suas tintas. Obriga-a a expandir-se. E canta-a em lampejos solares. Canta-a através da sua mançeira, que é uma tuba a espalhar música colorida, luminosa.

As suas telas são ritos bucólicos. O seu bucolismo não adormece, porém, sob as frondes do sonho. Os olhos de Joaquim Lopes não se amedrontam com o naturalismo vibrante. Olham-o para o captar. Copiam do realismo comovente os revêrberos das mais escondidas emoções, dos vãos caídos de ouro quente e incêndio ao terminar a tarde, ou das ascensões heróicas do Sol.

Alguns quadros de Joaquim Lopes parecem abençoados por uma gaze mística, por um misticismo levantado dos murmúrios da alma escondida da raça. Definem o silêncio dramático e intimista que o pintor esconde, e revela no regresso a si próprio. Definem, também, o lado intimista da eterna e misteriosa sinfonia que se ouve pelos campos.

Em todos os trabalhos deste pintor se encontra uma finalidade, uma finalidade dramática. A luz, para ele, como para Manet, é a personagem principal. Que tem muitos segredos. Que mais declama. Uma personagem que declama, caracteristicamente, os efflúvios ingênnos das manhãs; os entusiasmos batalhadores dos raios luminosos aos meios-dias, e os lamentos saudosistas do sol-pôr. É uma personagem que o artista faz interpretar todos os silêncios e tôdas as alegrias do realismo paisagístico.

Os pinceis de Joaquim Lopes espalham vozes definidas, sugestivas, em tôdas as telas. Angelus, quando disse «que há quadros para ver e para ouvir», desejava, sem dúvida, alguém que o justificasse. Há alcuias de sons nos quadros de Joaquim Lopes. As suas cambiantes são revoadas de sons. A grande frase de Angelus pertence, pois, como uma medalha explicativa, aos quadros deste incomparável pintor.

FIM DE DIÁLOGO

Depois de me ter mostrado dois grandes trípticos que já se aproximam da conclusão, Joaquim Lopes revela-me que, talvez, não os conclua:

— Não gosto de lutar contra a sinceridade da minha retina e do meu instinto. A minha pintura nasce por vontade natural. Estes dois trípticos, que comencei com entusiasmo, que realizava a pedido de dois museus, estão a afastar-me muito de mim... Não os termino. Estão a ser duas obras ausentes da minha sensibilidade...



JOAQUIM LOPES — Retrato de Senhora

— Os seus pinceis, tradutores de tôdas as fisionomias da Natureza, apaixonaram-se, sem dúvida, por alguma estação.

— O verão, o verão quando é um incêndio na porcelana do céu, chama-me como uma bela batalha. Uma batalha a que assisto, sempre, de perto.

— Aos pintores nacionais e estrangeiros, que conheço, ainda não encontrei um só que tivesse grande afinidade com as suas obras.

— Digo-lhe, lealmente, que até hoje ninguém me acusou de familiaridade das minhas obras com as de outro qualquer pintor. Há poucos dias, porém, esse pintor holandês que V. conhece, e que anda a tentar viver olhando dos passeios do Porto para o nosso céu, citou-me um seu compatriota que dá às suas telas o mesmo grua de vibração que eu emprego nas minhas.

— Apresente-me à sua obra preferida...

— Não a tenho.. Aquela que possui a minha lembrança em permanente adoração é esta: É o «Beijo de Sol».

Joaquim Lopes mostra-me o seu «beijo» de arte. É uma grande árvore a dominar quasi todo o quadro. A relva, verde macio, subtilmente húmido, vai até ao horizonte. É sobre os braços e sobre as folhas da árvore, caindo em sílabas cariciosas, o sol beija-a ternamente. A sua expressão faz lembrar uma cabeça feminina acariciada por murmúrios de luz. Joaquim Lopes, apaixonado da sua arte, acariciou-a com o sol quente das suas tintas. Acariciou-a com o amor dum prospecto artístico. Dum prospecto sincero, que anda a afagar com a sua arte as revoltas e as faltas de bondade da Natureza.

GUÉDES DE AMORIM.

A ALMA DA MÚSICA

Na mais vasta acepção, Deus é tudo o que nos envolve, visível e invisível,—o imenso sópro do qual respiramos uma infima parcela, o imenso quadro do qual os nossos olhos abarcam uma microscópica nesga, a imensa harmonia de cujas migalhas a elite do pensamento e da actividade humana faz os seus festins científicos e artísticos.

A esta ilimitada concepção que sinto profundamente mas que o meu pobre vocabulário não consegue transmitir como eu queria, corresponde uma não menos vasta concepção do que seja a alma humana: *scintilla divina pela qual temos a noção da existência, espírito que ordena essa consciência, e, sobretudo, sensibilidade,—foco de vibração de que resulta o sofrimento e o góso.*

Mas assim como não alcançamos avaliar Deus na sua totalidade, tampouco conseguimos atingir o que seja a alma,—determinante da consciência, do espírito, da sensibilidade,—sem o envólucro material. Se o conseguíssemos, estava resolvido o velho e angustioso problema da Vida e da Morte, já tinha baqueado a eterna disputa,—saber se a alma é um resultado da matéria, se é a matéria que obedece às forças de concentração do psíquico, do metafísico, ou seja daquilo a que se convencionou chamar *alma*. Eu não sou nada menos do que dada à ciência pura, contudo tenho o arrôjo de não negar-me à atracção que êsse problema exerce sobre mim. Considero Antero de Quental,—no meio de tantos outros de arte menos sublime,—que enlouqueceu quasi no desespero de não se lhe revelar o que fôsse Deus e o que fôsse a Alma; ponho em paralelo a esperança luminosa dum Pascal, e de todos os grandes crentes embora menos—ou nada—célebres, que edificam tôda a sua esperança sobre especulações do seu espírito auxiliadas pela pro-

Trecho fundamental que serviu para a conferência-concôrto realizada no Salão do Conservatório a 27 de Março de 1928, e em que foram executadas, como obras onde a alma da música sobressai com mais limpidez e intensidade, independentemente de índoles e nacionalidades, a Sonata op. 119 para piano, de Beethoven, por Francine Benoit; a «Baccharolle», de Schubert, a «Berceuse du paysan», de Moussorsky, o «Rêve Crépusculaire», de R. Strauss, e o «Nocturne», de Cesar Franck, para canto, por Arminda Correia; e a Sonata em la menor, para piano e violino, por Francine Benoit e Paulo Manso.



Francine Benoit

pensão que a maior parte de nós temos em ser suggestionáveis; vejo a resignação sorridente dos filósofos, personificados pelo excelso pensador e escritor Anatole France; e penso ainda no rústico, na alma sintetizada pelo «laboureur» de Moussorsky (que inclui no meu programa musical), sofredora ou revol-tada, mas insensível a dúvidas espirituais

de qualquer espécie porque a dura labuta num penoso mister lhe come tôda a força do corpo e todo o raciocínio, deixando-lhe numa abençoada compensação a Fé tranquila porque impensada, num Outro-Mundo melhor...

Tantas almas, semelhantes porque tem em maior ou menor dose a consciência do existir, o espírito que ordena essa consciência, e o foco de vibração de que resulta o sofrimento e o góso, e tanta diferença de exteriorização, de aquilo a que chamamos *Índole!* A mesma variedade talqualmente do que a infinita variedade de tipos, de temperamentos, afinal, pois como é diverso o que se vê, diverso é forçosamente o que se não vê. E não faz sentido que haja criaturas humanas sem alma,—um vislumbre de alma, pelo menos,—embora muitas vezes ela guarde recantos ignorados, não sómente dos outros mas também de si própria, elementos de mais e maior vitalidade *que esperam por uma faúlha estranha para se lhes revelarem a si mesmas as suas faculdades de percepção e de vibração!*...

Da alma, em grande parte, emana o reflexo que anima as fisionomias e as carimbas de maior ou menor personalidade, subtilidade; ela é o que procuramos com maior sequiosidade no ser que acarinhámos; muito pertinho dêsse ser, tôda a graça e a beleza que lhe vemos ao alcance das nossas carícias, arrefece-nos em vez de nos aquecer e desola-nos em vez de nos consolar se nos afiguramos que sua alma se retrai e se furta... Porque alma sem corpo nunca se viu, e corpo sem alma só a mais triste classe de doidos,—mas alma que se desvia e se esquiva do querer que busca alcançá-la através da matéria, não é caso raro. Em compensação, às vezes num simples olhar ao longe fulgura a

revelação dum cantinho seguro, dum abrigo, dum pôrto onde Nossa Senhora nos abre os braços, a sorrir... Por um momento, se não por mais, acabou-se o receio, a solidão, as trevas!

Fiquei-me neste momento debruçada sobre a alma humana com tanta demora, relativamente, e tanto ânimo, porque é ela, sem dúvida, que nos dá o pleno sentido da «alma da música». A música, — melhor, tôdas as artes, — não são entidades absolutas; são reflexos. É portanto natural que para analisar os reflexos procuremos a imagem luminosa que os origina. Foi pelo ímpeto de exprimir-se, de revelar-se aos seus semelhantes — os contemporâneos e os vindouros, — que a alma levou a matéria, — ou foi levada por ela, — à conquista das Artes, reflectindo-se nelas e estabelecendo o mais valioso princípio de comunhão com o próximo, de Socialização. A alma da música é, pois, um reflexo, — o mais vincado e o mais fiel reflexo, acho eu, — da alma humana. Os motivos porque considero a música, e com ela sua inseparável alma, com que de resto se identifica, devo eu apresentar e exemplificar no meu 3.º concôrto-conferência subordinado ao tema: «*A arte musical comparada com as outras artes, o seu passado, o seu futuro, o seu alcance.*»

Mas assim como a alma humana está tôda integrada na matéria, a alma da música está tôda integrada em todos os elementos que compõem o edificio musical; e convém lembrar aqui que êsses elementos são: o ritmo, a melodia, a harmonia, a forma, e ainda a escolha do instrumento, — ou dos instrumentos, — cujos timbres e possibilidades mecânicas convém aproveitar para a desejada realização. Quer dizer, a alma da música fica inevitavelmente revestida, mais ou menos velada, misteriosa, ou desconhecida, incompreendida, como a alma humana.

Todos nós podemos facilmente reparar em que há almas pequenas muito bem aproveitadas, e almas grandes que pela sua originalidade vivem quasi isoladas, inúteis aparentemente, até que o tempo venha demonstrar

pele contrário que estavam simplesmente muito mais avançadas no conhecimento e mais elevadas no idealismo do que as nossas almas; e há todavia almas grandes, belas, mas singelas, ingênuas até, como que abertas de par em par. A alma da música do mesmo modo varia de grandeza, intensidade e profundidade.

Para atingir a nossa alma, o *âmago do nosso sentir*, a vibração sonora passa pelos nossos ouvidos, despertando no seu caminho um sem conto de impressões das quais muitas são apenas superficiais, epidérmicas, por assim dizer. Quanta e quanta literatura musical não pretende, — nem se lembra de tal, sequer, — ir além dessas impressões superficiais! Cascatas de sonoridades pianísticas, e outras, jogos de timbres orquestrais utilizados como fim e não como meio, ornamentações em filigrana que se ornamentam a si próprias, batiques rudimentares que trazem a curiosidade dum pouco de novidade para nós, (quiçá o aparecimento dum novo elemento), instrumentos exóticos cuja ressonância só em si basta para coar nos nossos nervos, — tudo isto é susceptível de interessar, divertir, irritar e excitar até, mas nada mais...

Para que a música seja alma reflexo de alma, é necessário que a impressão que causa não se limite àquilo que lhe fica no caminho. Não lhe deve bastar o ser sensação; deve ser emoção; o seu mais sublime papel, nada menos que divino, é justamente o papel da faúlha a que aludi atrás, quando me referi às almas em que ficam «recantos ignorados, elementos de mais e maior vitalidade que esperam por uma faúlha estranha para se lhes revelarem a si mesmas as suas faculdades de percepção e de vibração.»

Essa faúlha, acende-a acaso uma circunstância inesperada, o choque de duas ideias, um encontro atractivo; e pode acendê-la igualmente a revelação duma obra de arte, principalmente uma obra musical cuja emotividade encontre ponto de contacto com a nossa. Assim, a alma da música, sendo menos do que a alma humana porque aquella é

o reflexo e esta o *loco*, é ao mesmo tempo mais porque desde que ela se revelou tal como o poder de exteriorização do compositor a fixou — para sempre! — não mais se furta enquanto houver possibilidade de reproduzi-la.

Entre a música que sómente deslumbra ou diverte o ouvido, e a música que deslumbra ou consola a alma transformando momentaneamente a matéria numa luminosidade transparente, não pode deixar de existir o vastíssimo campo das emotividades de variadíssimo aspecto, umas dirigindo-se mais ao intellecto, outras emanadas do misticismo, outras puramente românticas ou líricas; mas tôdas que conseguem passar à posteridade é porque conservam, embora mais tenue ou mais rebuscado ou mais estranho, algum reflexo da alma humana. Nem o fasto ou a pobreza do revestimento indicam de per si mais ou menos alma, — do mesmo modo que certas mulheres harmonizam a sua expressão com brocados e joias, outras com uma esplendorosa nudez, outras ainda com o doce e apagado hábito das Irmãsinhas dos Pobres... É indispensável apenas que tenham, justamente, expressão, ou antes que sejam a expressão vincada e animada de alguma parcela de Vida.

E eis o motivo porque, postos todos os conhecimentos técnicos e interpretativos, — desde o domínio completo do instrumento até à sciência analítica, se a alma do intérprete fica fria a alma do auditor ficará fria; a não ser que se dê o caso de certos padres de costumes pouco edificantes, dos quais se diz que irradia dêles um sol que não os ilumina e não os aquece...

Outro caso triste também, é quando um artista intérprete que sente a música profundamente tem quaisquer insuficiências ou deficiências que não lhe permitem transmitir o seu fervor. Dêsses, poderá então dizer-se que «tem em si um sol que só a êles ilumina e aquece...»

E vamos que já é alguma coisa.

FRANCINE BESOIT.

ATLANTIDA

ROMANCE

de PIERRE BENOIT
ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE

(Romance votado no concurso do Magazine Bertrand e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquella revista)



— É um guia dos caminhos de ferro de Oeste — disse ella. Que admirável leitura para quem nunca sai do mesmo sitio! São cinco e meia da tarde. Há três minutos chegou a Surgères, no Charente-Inferior, um comboio omnibus, e daqui a seis minutos vai partir. Daqui a duas horas, chegará a Rochelle. Como é exquisito pensar em tais coisas neste sitio! Tanta distancia! Tanto movimento! Tanta inabilidade!...

— Fala bem francez — disse-lhe eu. Ella soltou um risinho nervoso. — Não tenho outro remedio. Falo francez, como falo italiano, e inglês, espanhol... O meu genero de vida fez-me poliglota famosa. Mas prefiro o francez, prefiro-o ao tuaregue e até ao arabe. Parece-me que o soube sempre. E olha que não te digo isto para te dar prazer.

Houve um minuto de silencio. Pensei na-

quela sua antepassada de quem Plutarco escreveu: «Havia poucas nações para que ella precisasse de interpretes. Cleopatra falava na lingua d'elles com os Etiopes, os Troglodites, os Hebreus, os Arabes, os Sirios, os Medos e os Partos.»

— Não fiques assim espedado no meio da sala, que me desgostas. Vem-te sentar aqui ao pé de mim. Chegue-se para lá sr. Hiram-Rei.

O lobo-tigre obedeceu de má vontade. Ao lado della, estava uma grande taça de ônix. Tirou della um anel de oicalco, muito simples, e meteu-no no anular da mão esquerda. Reparei então que ella tinha um igual.

— Taint-Zerga, oferece ao Sr. de Santo-Avito um sorvete de rosas.

A pretinha vestida de seda encarnada acorreu solícita.

— É a minha secretária particular — apresentou Antinea — Taint-Zerga, de Gão, sobre o Niger. A familia della é quasi tão antiga como a minha.

Os seus olhos fitavam-me pesadamente: — E o teu camarada, o capitão, — interrogou com voz longinqua — ainda o não conheço. Como é elle? Parece-se contigo?

Pela primeira vez que a vira me lembrei de Morhange. Não respondi.

Antinea sorriu-se. Estendeu-se completamente sobre a pele de leão, desnudando a perna direita.

— São horas de ir ter com elle — disse lan-

guidamente. — Daqui a pouco receberá as minhas ordens. Vai com elle, Taint-Zerga.

Levantei-me e tomei-lhe a mão para a beijar. Ella apertou-ma aos lábios até fazê-los sangrar, sob aquella espécie de sinal de posse.

Fui andando pelo corredor sombrio com a rapariguinha de túnica encarnada.

— Aqui está o teu quarto — disse ella. — E agora, se quizeres, vou levar-te para a casa de jantar. Os outros já lá vão ter.

Falava francez titubeando adoravelmente. — Não, Taint-Zerga, não. Antes quero ficar aqui. Não tenho fome. Estou cansado.

— Não te esqueceste do meu nome!

Parecia orgulhosa com isso, e eu senti que, se fosse preciso tinha ali uma aliada.

— Não me esqueci porque é bonito. (1) E acrescente:

— Agora deixa-me, pequena. Quero ficar só.

Mas ella deixava-se ficar. Eu estava comovido e impaciente, e sentia grande necessidade de estar só para pensar.

— Olha, o meu quarto fica por cima do teu — disse ella — Aqui está um timbre de bronze. Se quizeres alguma coisa, bate. Aparece logo um targui branco.

Esta recommendação divertiu-me por um instante. Estava num hotel no meio do Sáará! Era tocar e ser servido! Olhei para o meu quarto. — Meu quarto! por quanto tempo seria meu?

Era uma casa grande. Almofadas, um sofá, uma alcova cavada na rocha, tudo iluminado por uma vastíssima janela, tapada com um estore de palha.

Fui à janela, levantei o estore, entraram os raios do sol poente.

Encostei-me ao parapeito de rocha, com o coração cheio de pensamentos inexprimeis. A janela dava para o sul. Ficava à altura de não menos de sessenta metros do solo. Para baixo della corria a muralha vulcânica, vertiginosamente lisa e negra.

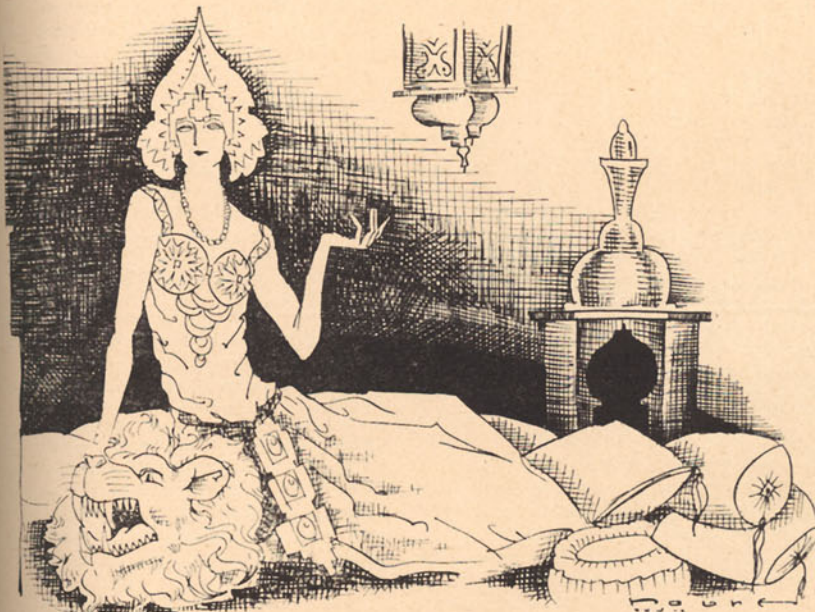
Diante de mim, a uns dois quilómetros, erguia-se outra muralha: a primeira cerca de terra do Crícios. E para além, muito longe, descortinei o imenso deserto vermelho.

CAPÍTULO XII

MORHANGE LEVANTA-SE E DESAPARECE

Estava tão cansado que dormi de um sono, até às três horas da tarde do dia seguinte. Logo que acordei, puz-me a pensar nos aconte-

(1) Em berbere Taint quer dizer: fonte; Zerga é o feminino do adjectivo azreg, azul. — (Nota do sr. Leroux).



tecimentos da véspera, que achei espantosos.

— Vamos por ordem — pensei. — Vou primeiro consultar Morhange.

Ao mesmo tempo sentia um apetite devorador.

O timbre que Tanit-Zerga indicava estava à mão. Toquei. Apareceu logo um targui branco.

— Leva-me à biblioteca — ordenei.

Ao atravessar de novo um labirinto de corredores, compreendi que nunca seria capaz de ir para qualquer lado sem guia.

Morhange estava realmente na biblioteca, a ler um manuscrito com grande interesse.

— É um tratado perdido de Santo-Optato. Ah! se Dom Granger aqui estivesse!

Não respondi: em cima da mesa, ao lado do manuscrito, estava um objecto de que eu não tirava os olhos: era um anel de oricalco igual ao que Antínea me dera na véspera, e ao que ela usava.

Morhange sorriu da minha atenção.

— Então? — disse eu.

— Então?

— Viii-a?

— Vi, realmente.

— É muito bonita, não é verdade?

— É um facto difícil de contestar — respondeu o meu companheiro. — Direi mesmo que é tão inteligente como bonita.

Seguiu-se silêncio. Morhange brincava com o anel de oricalco.

— Sabe qual é o nosso destino neste sitio? — perguntei eu.

— Sei. O Sr. Le Mesge explicou-o ontem, em termos discretos e mitológicos. Trata-se com efeito de uma aventura extraordinária.

Calouse, e depois olhando-me de frente, disse-me:

— Estou profundamente arrependido de o ter arrastado a ela. Uma só coisa me pode tornar menos doloroso este sentimento: é ver que tomou menos mal o seu partido, desde ontem à tardinha.

Onde fôra Morhange buscar aquele conhecimento do coração humano? Não lhe respondi, dando-lhe assim a melhor prova de que tinha acertado.

— Que tenciona fazer? — murmurei enfim.

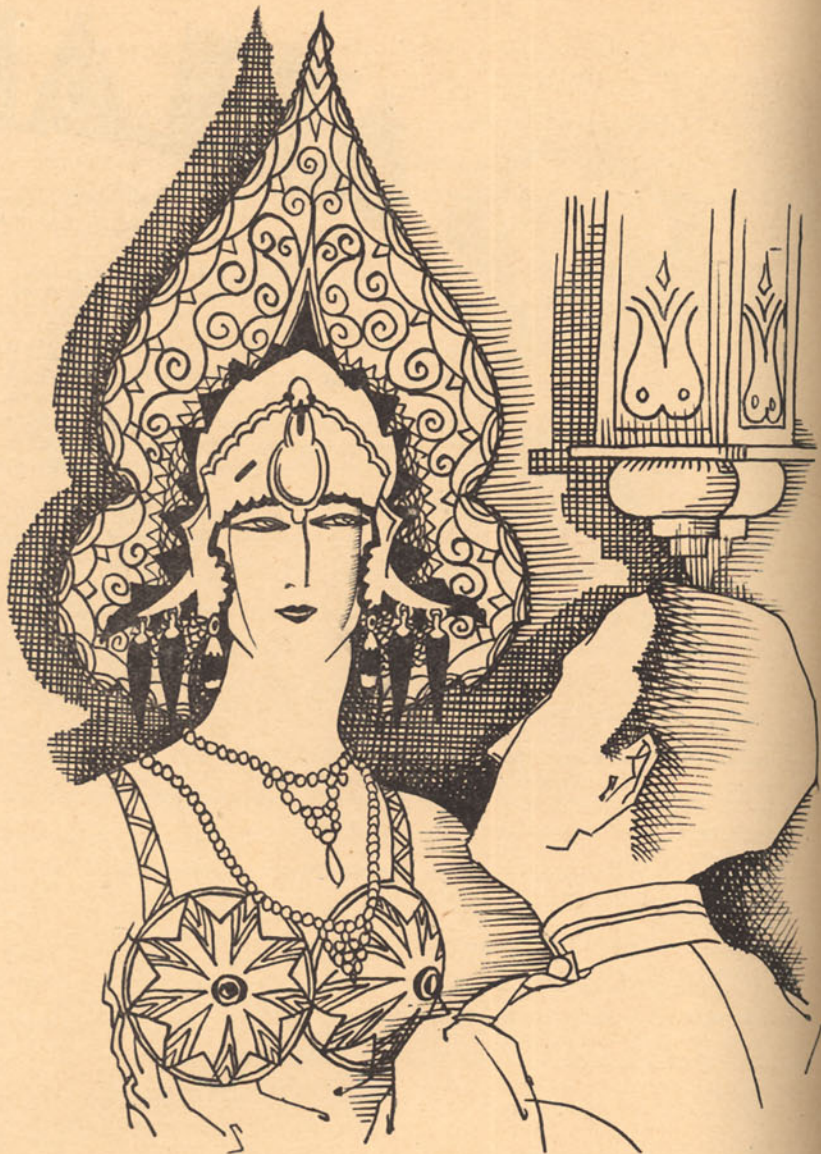
Morhange fechou o manuscrito, encafou-se confortavelmente num cadeirão, acendeu um cigarro e respondeu:

— Pensei maduramente no caso. Com auxílio de alguma casufística, descobri a minha linha de proceder.

É simples e não pode sofrer discussão. «Dado o meu estado quasi religioso, tenho de encarar o problema de modo diverso do meu amigo. Ainda não pronunciei os votos, é certo, mas além da regra geral do nosso mandamento, que me proíbe entrar em relações com qualquer mulher que não seja a minha, não sinto o menor gosto pela espécie de serviço para que essa senhora nos mandou recrutar, por intermédio de Cegheirben-Cheikh.

«Pósto isto, há ainda a considerar que eu não posso dispor da minha vida, como qualquer particular que viaja porque quer e à sua custa. Tenho uma missão a cumprir e resultados a colher. Se pudesse recobrar a minha liberdade, depois de pagar a Antínea o singular direito de portagem aqui usado, não teria dúvida em satisfazê-la na medida das minhas posses.

«A Igreja, e especialmente a congregação



a que pertenço, tem um espírito largo. O meu procedimento talvez até fôsse tido por virtude excelsa, pois que Santa Maria Egípcíaca entregou o corpo aos barqueiros, em circunstâncias análogas, e isso foi-lhe objecto de glorificações. Mas ela, fazendo o que fez, tinha a certeza de alcançar o fim santo que tinha em vista. O fim justificava os meios.

«Ora no que me diz respeito, não há nada que se pareça com isso. Ainda que eu cedesse aos caprichos mais absurdos desta senhora, não me livraria de ser catalogado, daqui a pouco, na sala de mármore vermelho, com o número 54, ou 55 se ela preferir começar pelo senhor. Nestas condições...

— Nessas condições?...

— Seria imperdoável fazer-lhe eu a vontade.

— Que tenciona então fazer?...

— Que tenciono fazer?...

Morhange encostou a nuca ás costas da cadeira, deitou uma bafurada de fumo para o tecto, e sorriu-se:

— Nada, e é o bastante. Bem sabe o meu amigo que o homem, nesta materia, tem sobre a mulher uma superioridade incontestada.

vel. A sua conformação permite-lhe fazer a mais absoluta das oposições a qualquer convite. A mulher não.

E acrescentou com um sorriso irónico:

— Só é obrigado quem o quizer.

Baixei a cabeça.

— Tentei com Antínea — continuou — todos os tesouros da mais subtil dialéctica. Perdido trabalho! «Mas enfim, acabei por lhe dizer, porque não há de ser o Sr. Le Mesge?» Desatou a rir. E porque não o pastor Epardek? — respondeu ela. — Le Mesge e Epardek são eruditos que tenho em grande estimação. Mas

*Maudit soit à jamais le rêveur inutile,
Qui voulut, le premier dans sa stupidité,
S'éprenant d'un problème insoluble et stérile,
Aux choses de l'amour mêler l'honnêteté.*

«Além disso — acrescentou ela — tu és capaz de não ter olhado devidamente para nenhum dêles». E continuou com alguns cumprimentos à minha plástica, a que eu não soube responder, de tal maneira me desarmaram aqueles quatro versos de Baudelaire.

(Continúa).

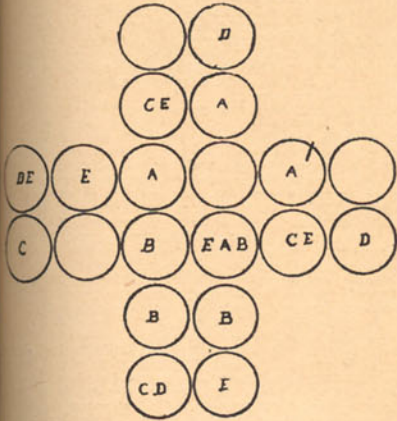


Passatempo

A CRUZ DE TENTOS

(Solução)

Podem formar-se na cruz dezenove quadrados; dêstes serão quatro do tamanho indicado pelos quatro AA, no diagrama junto;



nove do tamanho indicado pelos BB; quatro como o indicado pelos CC, e dois do tamanho que indicam os DD. Tirando os seis tentos indicados por EE, não se pode formar nem um só dos ditos quadrados com os tentos que restam.

☞ ☞

Um rapazito tinha sido cuidadosamente ensinado pelos pais a ceder sempre o seu lugar a uma senhora, nos carros.

— Já hoje, há dias, com o pai num eléctrico, e como este fôsse cheio, o pai sentára-o sobre os joelhos. Numa paragem o carro pára e entra uma senhora nova e elegante. O rapazito imediatamente salta para o chão e oferece à senhora, com tôda a cortezia, o seu lugar sobre os joelhos do pai.

☞ ☞

— Você diz que anda à procura de um guarda-livros? É boa! Julgava que tivesse tomado um dia de semana passada?

— Pois tomei; é dêsse mesmo que ando à procura!

☞ ☞

— Quer saber, papá? — dizia uma ingênua pequenita de sete anos. Os correios agora já não andam fardados.

— Que dizes, pateta?
— Que já não andam fardados os correios.
— Como assim?
— Hoje vi eu um entregar uma carta à mana, e não estava fardado. Usava chapéu de côco e *frack*, tal qual como o papá ou o mano...

Foi confessar-se um catraeiro, e perguntando-lhe o padre quantas eram as pessoas da Santíssima Trindade, respondeu que eram seis, e elevou-as a trinta; o confessor, enfadado, mandou-o embora.

A saída, encontrou um companheiro a quem fez a pergunta que lhe tinha sido feita; e respondendo-lhe o outro que três, exclamou: «Sim, vai para lá com essa ninharia: trinta já eu lhe dava, e o padreca ainda lhe pareceram poucas».

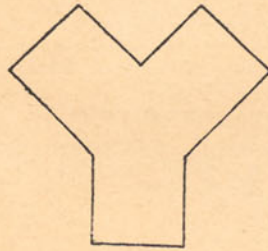
☞ ☞

— Foi vergonhosa a maneira por que o Marques resonou hoje na igreja, pois não foi?

— Se foi! Acordou-nos a todos.

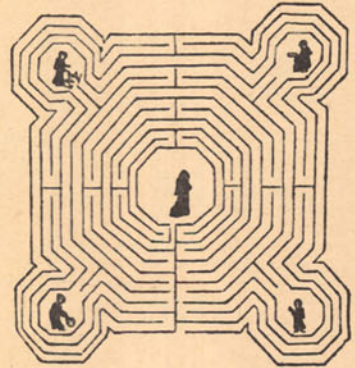
☞ ☞

QUEBRA CABEÇAS



Decompôr esta figura em cinco partes e formar com elas um quadrado.

LABIRINTO DA CATEDRAL DE REIMS



Segundo o costume, que foi bastante seguido na Idade Média, de forrar o pavimento das igrejas com pedras brancas e pretas, formando labirinto, a catedral de Reims possuiu um que se denominava: *Caminho de Jerusalem*. Era percorrido pelos devotos como se fôsse uma *Via Sacra*, resando as orações num livrinho intitulado: *Estações no Caminho de Jerusalem, que existe na igreja de Nossa Senhora de Reims*. As estações formavam os quatro cantos do labirinto, como o nosso diagrama representa e tinha de passar-se por tôdas elas antes de chegar à central. Supõe-se que um arcebispo dessa diocese, que foi em peregrinação à Palestina, em 1218, trouxe de lá a ideia da construção dêsse labirinto, julgando que êle tinha analogia com o interior do templo de Salomão.



(Do «Punch».)

A MÃE: — Não gostavas de vir ajudar a fazer os bolos, Nini?

A NINI: — Oh! mãesinha, pelo amor de Deus, agora não me muisse com essas coisas do governo de casa.

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL, DE LISBOA EM MARÇO DE 1928

LITTERATURA

ALVES DE OLIVEIRA (J.) — *English lessons*. Book II. Vocabulary containing the pronunciation and an explanation of the more difficult words and phrases, 222 p. 8.º — 8\$00.

BRANCO (GRACIETTA) — *História de Rosalinda*. Novela infantil. Il. de Eduardo Malta. (Bib.ª dos Pequeninhas) 105 p. 8.º e. grav. e capa il. — 5\$00.

CAMOSAS (JOÃO) — *O Trabalho humano*. Pref.º de M. Athias, 387 p. 8.º e. grav. — 12\$00.

CAYOLLA (LOURINÇO) — *Noite de nupcias*. Novela. 112 p. 8.º e. capa il. por J. Barradas. — 3\$00.

CRUZ MAGALHÃES — *Folhos de hoje*. (Traços biográfico-anedóticos). 244 p. 8.º e. grav. — 7\$50.

DOMINGUES (MÁRIO) — *Anastácio José. Primeiro Marquês de Santa Clara*. Novela. 166 p. 8.º — 7\$50.

FALCÃO (VITOR) — *Páginas de crítica*. 166 p. 8.º

FIGUEIREDO (CÂNDIDO DE) — *O problema da colocação de pronomes*. (Suplemento às gramáticas portuguesas). Nova ed. com um juízo crítico de Gonçalves Viana. 407 p. 8.º — 9\$00.

GAYO (AFONSO) — *O mundo fora dos eixos*. (Crônicas modernas). 299 p. 8.º — 9\$00.

MORAES (WENCESLAU DE) — *Carlão do Japão*. 2.ª série; I tomo (1907-1908); II tomo (1909-1910); III tomo (1911-1913). 3 vol. 8.º. — 30\$00.

SILVA BASTOS (J. T. DA) — *Dicionário etimológico, prosódico e ortográfico da língua portuguesa*. Contendo grande cópia de novos termos e accepções e um supplemento. 2.ª ed. 1434 p. 8.º — 45\$00.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

AYRES (CHRISTOVAM) — *Para a história da Academia das Ciências de Lisboa*. 544 p. 8.º e. grav.

DOCTOR LUCIANO PEREIRA DA SILVA — *In Memoriam*. (Instituto de Coimbra). 192 p. 8.º e. grav.

MANCELOS SAMPAIO (J.) e AUGUSTO SOUCASAUX — *Barcelos, resenha histórica-piloresca artística*. 100 p. 4.º e. grav. — 25\$00.

SCIÊNCIAS E ARTES

AUVARD (DR. A.) — *Vida* (Consciência matérica-fôrça). Trad. autorizada pelo A., de H. de Beires Junqueira. 177 p. 8.º — 6\$00.

COSTA SANTOS (DR. SEBASTIÃO) — *A Escola de cirurgia do Hospital Real de Todos-os-Santos*. 1865-1775. 209 p. 8.º e. grav. — 20\$00.

SOBRAL CID (DR.) — *O Professor Miguel Bombarda*. A sua carreira e a sua obra de alienista. 18 p. e. o retr. de M. Bombarda. — 5\$00.

COSTA (ELIAS DA) — *O Direito, sua formação histórica*. Com pref.º de Carlos Selvagem. 309 p. 8.º

CUNHA LEAL — *O Empréstimo Externo*. Alguns documentos. 88 p.

CUNHA LEAL — *Internacionalismo. Trotsky e Staline*. Conferência. 40 p. e. o retr. do A.

RELIGIÕES

ARTE (A) DA DIRECÇÃO DAS ALMAS. (Diagnóstico e tratamento). Versão de A. A. P. 319 p. 8.º

GOMES TEIXEIRA (F.) — *Apoteose de S. Fran-*

ESTRANGEIROS AMIGOS DAS NOSSAS LETRAS



D. RAMON MARIA TENREIRO

Escritor espanhol que, especialmente como crítico literário da revista Lectura, bastantes vezes tem referido e elogiado obras portuguesas, contribuindo de modo notável para a divulgação da nossa literatura no seu país. Um dos seus bons serviços de lusófilo está expresso na tradução fiel e elegante do Hino da Manhã, de Angelo de Quental. Nos últimos tempos tem-se dedicado à novela, publicando, entre outras: Embrujamiento; La Agonia de Madrid; Lunes antes del Alba; e El Loco Amor. Esta última, muito formosa e intensamente emotiva, em cujas páginas se desenrola a paixão dum joven cego por sua madrasita, da mesma idade dele, — foi traduzida recentemente para português por Eunice Franco, num ligeiro volume de menos de cem páginas que pertence à nova Coleção Ressurgimento, intitulada O louco Amor, tal como no original.

cisco de Assis (Sua vida e obra). 269 p. 8.º e. grav. — 10\$00.

BELAS-ARTES

CHAVES (LUÍS) — *Subsídios para a história da gravura em Portugal* (Subsídios para a História da Arte Portuguesa... XXIV) 197 p. 8.º e. grav. — 15\$00.

RIBEIRO (EMANUEL) — *Anatomia da cerâmica portuguesa*. (Subsídios para a História da Arte Portuguesa... XXV). 53 p. e. grav. — 5\$00.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO (MÁRIO) — *Bibliografia Sarmentina*. Subsídios para o estudo e divulgação da obra de Francisco Martins Sarmento (1833-1899). 35 p. e. o retr. de F. M. Sarmento.



REVISTAS E OUTRAS PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

PORTUGAL, revista ilustrada de cultura literária, científica e artística, dirigida por Augusto Martins, Cláudio Basto e Pedro Vitorino. 56 páginas de texto variado constituem o seu tomo I, relativo ao primeiro trimestre de 1928. Colaboração, entre outros, de: J. Leite de Vasconcelos, Fausto Guedes Teixeira, José Caldas, Cláudio Basto, Afonso Duarte, Pedro Vitorino, Augusto C. Pires de Lima, João da Silva Corrêa, Emanuel Ribeiro, etc. Trata-se duma nova revista excelentemente orientada, repostório magnífico de estudos concernentes à nossa vida mental, em todos os seus aspectos. Que o público a acolha bem e lhe garanta existência longa — são os nossos votos.

A ÁGUA, órgão da Renascença Portuguesa. O seu último caderno é o de Outubro a Dezembro de 1927,

com matéria sectionada em prosa, verso, arte e bibliografia. Interessante e proveitosa leitura, sobretudo a conferência do sr. Heriberto Cidre sobre Gomes de Amorim, arquivada aqui na integra.

BIBLIOTECA, fascículo de Abril da sua série mensal Bibliografia desenvolvimentista, como fecho dum volume sumário. Salientamos nele um artigo de crítica ao último romance de Manuel Ribeiro.

INDUSTRIA PORTUGUESA, revista editada pela Associação Industrial Portuguesa e, portanto, seu órgão. Artigo de técnicos, ceos, comentários, etc. Bem apresentada e bem redigida. É seu secretário de redacção um jornalista de nome: Edmundo de Oliveira. Desculamos vida fácil e prolongada a esta nova publicação, cuja falta se fazia há muito sentir, sobretudo desde que a nossa indústria começou a desenvolver-se.

REVISTA ESCOLAR, mensário de doutrina relativa aos problemas de ensino, que o sr. dr. Faria de Vasconcelos dirige com a sua reconhecida competência. Num dos seus recentes cadernos lê-se com excepcional interesse o artigo do sr. dr. André Velasco «Deveres profissionais e civicos do professor».

Em seguimento dum primeiro volume, já aqui referido, cuja agora a Segunda Coleção documental para a história da «Primeira Exposição de Ex-Libris em Portugal». Abre com um bom retrato do sr. Deronet e palavras de J. Leite de Vasconcelos. Contém muitas gravuras e dá bem nota da alta significação do certame a que se refere.

DICIONÁRIO PRÁTICO ILUSTRADO (Novo Dicionário Enciclopédico luso-brasileiro). Não sabemos que haja ninguém, seja qual for a sua profissão, seja muito ou pouco culto, que possa dispensar a posse desta obra, cuja edição revista e ampliada se impatira há pouco. Volume abundante de saber concentrado e metódico, a sua consulta impõe-se a toda a gente. O seu orientador, sr. Jaime de Ságuier, não se limitou, ao elaborar o plano, a um trabalho de tradução da similar obra francesa: introduziu-lhe muita matéria portuguesa e brasileira. Já na dita respeito à parte vocabular do nosso idioma, já na que enfeixa os conhecimentos enciclopédicos, biografias, história, artes, etc. Contendo muitos milhares de gravuras, mapas, quadros, retratos, tem ainda o mérito de apresentar as duas ortografias, usadas quasi a par, a oficial e a etimológica. Eis porque a obra se recomenda como superiormente útil, para não dizer indispensável, sobre toda a banca de trabalho, seja a do mago estudante, seja a do homem já encanecido sobre livros, mas a quem por vezes uma pequena dúvida, de pronto resolvida por este Dicionário, pode embarracar.

A ENCICLOPÉDIA PELA IMAGEM, obra tão de harmonia com as tendências da nossa época de síntese e de rápida apreensão de conhecimentos, tem publicados dois novos tomos: A, T, S, E, e O Mar. Pertencem ambos ao departamento das sciências. Assuntos que por si próprios se explicam e impõem, o primeiro pela sua actualidade, o segundo pela sua universalidade, estes tomos da Enciclopédia ficam bem ao lado dos outros anteriormente saídos. Textos explicitos, gravuras nitidas.

ORIGEM DAS REACÇÕES ENTRE OS PORTUGUESES E OS JAPONESES. Brochura muito interessante para a nossa raça, pois documenta muito largamente a nossa acção colonizadora. Escrito o texto em lingua japonesa e em lingua portuguesa, nestas páginas recorda-se que o Japão deve a gente nossa os seus primeiros contactos com a civilização occidental. É uma obra de vulgarização, elaborada pelo sr. Yoshitomo Okamoto, que assim vai colaborar na simpática iniciativa da Sociedade Luso-Japonesa de Tóquio erigido em Tancaixima um monumento comemorativo do descobrimento do Japão pelos navegadores portugueses do século XVI. Esse estudo aparece nesta brochura a par dum interessante comentário da lavra do sr. José da Costa Carneiro, nosso representante diplomático no Império nipónico, comentário que folheia a história e evoca grandes feitos da nossa era das descobertas. A edição é devesa curiosa, já pelos caracteres japonezes, já pelos mapas e gravuras que acompanham o texto.

A MATÉRIA E OS ACÓRDS, conferência realizada em Coimbra, em Janeiro último, pelo sr. Carlos Zvevas. Quer seu texto quer suas gravuras informam muito sobre a vida insular, seus típicos costumes, etc.

BIBLIOGRAFIA SARMENTINA Subsídios para o estudo e divulgação da obra de Francisco Martins Sarmento. (1833-1899) pelo sr. Mário Cardoso. É um trabalho que, não obstante o seu carácter de resenha, constitue uma boa contribuição para a justiça que se deve à memória duma das maiores sábios e investigadores nascidos em Portugal. Precedem os dados bibliográficos, dispostos criteriosamente, palavras de comovida fé perante o alto espirito, realçado por grande modestia, que no campo da história e da arqueologia deixou tão preciosos estudos.

As livrarias ALLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações ás consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual		Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑA	47\$00	92\$00
Registados.. .. .	24\$40	47\$80	93\$60	Registados	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL... ..		49\$00	96\$00	BRASIL... ..		52\$00
Registados.. .. .		53\$80	105\$60	Registados		61\$60
INDIA, MACAU E TIMOR		53\$00	104\$00	BSTRANGEIRO... ..		63\$00
Registados.. .. .		57\$80	113\$60	Registados		72\$60

NUMERO AVULSO 4\$00



ULTIMAS OBRAS PUBLICADAS

PELA

MAIS ANTIGA E MELHOR COLECCÃO

DE

LIVROS TÉCNICOS PORTUGUESES

ELEMENTOS DE METALURGIA

é um volume de 424 páginas, com 121 gravuras, em que o seu autor, o sr. João Emílio dos Santos Segurado, desenvolvem proficientemente todos os assuntos de que trata, tais como: Combustíveis, operações metalúrgicas, fabrico do ferro e do aço, descrição dos metais mais vulgares, dando à cerca de cada metal as suas propriedades, a sua análise química, os minérios susceptíveis de o produzir, os diversos processos de preparação e os diversos fornos e aparelhos usados.

1 volume, encadernado em percalina..... 20\$00

MANUAL DO MARCENEIRO

é um dos mais interessantes livros publicados ultimamente. O seu autor, sr. João Pedro dos Reis Colares, desenvolvem, com a grande competência de um profissional distinto, todos os assuntos que dizem respeito ao artista marceneiro, de forma tão clara, que torna este livro muito útil também a todas as pessoas que queiram ter conhecimento deste atraente

ofício. Igualmente o amador de móveis encontrará nele um repositório dos estilos principais usados no mobiliário, sem ter de recorrer a custosas publicações estrangeiras.

Um volume, encadernado em percalina, com cerca de 300 gravuras no texto e um album de mobiliário artístico 20\$00

MANUAL PRÁTICO DO FOTÓGRAFO

PELO SR. ANTONIO DAMASO DAS NEVES

É o último livro publicado em português sobre fotografia, que nos dá os conhecimentos técnicos dos diversos processos usados até a actualidade. Nele encontramos uma pequena descrição histórica, descrição do material fotográfico, laboratório e gabinetes escuros, galerias, processos de fotografia, objectivas, variedades fotográficas, etc.

Um volume encadernado em percalina, de 200 páginas, com bastantes gravuras elucidativas..... 12\$00

Á VENDA

NO ROCIO, 67

Telefone : NORTE 3075



FOGÕES VACUUM

Nºs 15 e 17

Completamente desmontáveis

rapidez!
economia!
limpeza!



Vacuum Oil Company